



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

KAROLINA KELLY GRANGEIRO LINS

**O EXERCÍCIO DA MASCULINIDADE NAS FESTAS DE VAQUEJADA:
UM ESTUDO CULTURAL E AMBIENTAL DAS PRÁTICAS DE
VAQUEJADAS NA CIDADE DE ESPERANÇA, PB. (2000 – 2015)**

CAMPINA GRANDE – PB
FEVEREIRO, 2021

KAROLINA KELLY GRANGEIRO LINS

**O EXERCÍCIO DA MASCULINIDADE NAS FESTAS DE VAQUEJADA:
UM ESTUDO CULTURAL E AMBIENTAL DAS PRÁTICAS DE
VAQUEJADAS NA CIDADE DE ESPERANÇA, PB. (2000 – 2015)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em história.

Orientador: Prof. Dr. José Otávio Aguiar

CAMPINA GRANDE – PB
FEVEREIRO, 2021

L759e

Lins, Karolina Kelly Grangeiro.

O exercício da masculinidade nas festas de vaquejada: um estudo cultural e ambiental das práticas de vaquejadas na cidade de Esperança, PB (2000 -2015) / Karolina Kelly Grangeiro Lins. - Campina Grande, 2023.

99 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação: Prof. Dr. José Otávio Aguiar."

Referências.

1. História Cultural. 2. Vaquejada. 3. Masculinidade. 4. Cultura. 5. Festas. 6. Vaqueiros. I. Aguiar, José Otávio. II. Título.

CDU 930.85(043)

KAROLINA KELLY GRANGEIRO LINS

**O EXERCÍCIO DA MASCULINIDADE NAS FESTAS DE VAQUEJADA:
UM ESTUDO CULTURAL E AMBIENTAL DAS PRÁTICAS DE
VAQUEJADAS NA CIDADE DE ESPERANÇA, PB. (2000 – 2015)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em história.

Orientador: Prof. Dr. José Otávio Aguiar

DEDICATÓRIA

Ao meu avô (*in memoriam*) Antônio de Luna Lins, que na simplicidade do viver e no amor pelo campo, me ensinou valores importantes para toda a vida. Marcado na pele, na alma e agora em material, eu digo: Só enquanto eu respirar vou me lembrar de você!

KAROLINA KELLY GRANGEIRO LINS

**O EXERCICIO DA MASCULINIDADE NAS FESTAS DE VAQUEJADA:UM
ESTUDO CULTURAL E AMBIENTAL DAS PRÁTICAS DE VAQUEJADAS NA
CIDADE DE ESPERANÇA, PB. (2000 – 2015)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em história.

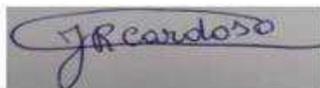
Orientador: Prof. Dr. José Otávio Aguiar

Aprovada em: 10/03/2021

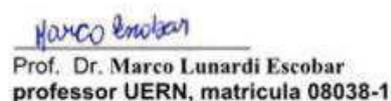
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. José Otávio Aguiar
Orientador



Prof. Dra. Juciene Ricarte Cardoso
Membro Interno



Prof. Dr. Marco Lunardi Escobar
professor UERN, matrícula 08038-1

Prof. Dr. Marco Lunardi Escobar
Membro Externo

AGRADECIMENTOS

“Esperei ansiosamente pelo Senhor, e ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor.” (Salmo 40:1)

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por nunca me deixar sozinha e nem desamparada, concedendo força, saúde, paz de espírito e possibilitando tornar esse sonho em realidade.

Agradeço aos meus pais, Marcos e Socorro, por toda dedicação e paciência, e por sempre acreditar. Me apoiando e me amando sem limites. Por todas as noites em claro junto comigo, não só durante toda a trajetória na universidade, mas durante toda minha vida, cuidando de mim, da minha educação, dos meus sonhos. Hoje tudo que sou, e a mulher que me tornei, eu devo a vocês. Serei eternamente grata. Eu amo-os incondicionalmente!

Aos meus irmãos que sempre estiveram do meu lado, me defendendo, me protegendo e sempre me amando. Agradeço a Deus pelos quatro tesouros que ele colocou em minha vida. Costumo dizer que não tenho apenas um coração pulsando em mim e sim cinco. Sem vocês eu não sou completa.

Aos meus familiares e amigos por terem acreditado, me apoiado e nunca me abandonado durante toda minha caminhada. Me incentivando, me motivando e sonhando junto comigo.

Ao meu orientador e amigo, José Otávio Aguiar. Agradeço pela oportunidade e parceria que me deu. Por cada ensinamento tanto em sala de aula quanto em pesquisas e projetos que tive a honra de participar junto com ele. Obrigada por cada conselho, cada orientação e claro, pela paciência que sempre teve comigo em cada dificuldade. Agradeço por tudo assim como parabênico pelo homem e pelo profissional que é.

Aos mestres por todo empenho, paciência e dedicação em instruir e capacitar para exercer essa profissão. Obrigada por serem exemplos de pessoas e profissionais. Guardarei com muito carinho cada ensinamento.

Aos meus anjos da terra: Rafaella, Tatiane, Allyne, João Segundo, Iago, Raiff, Amanda, Walter, Jefferson, Thais, Jenniffer, Teles, Angela, Nayara, Ellyda, Amanda e

Neto, que estão ao meu lado no convívio diário, sempre compartilhando palavras de incentivos, conselhos e amores. São aquelas a quem recorro na hora que mais preciso de um ombro amigo. Não poderia deixar de reservar um espaço aqui para vocês e de dizer o quanto sou grata em poder compartilhar esse momento com vocês.

Aos meus colegas da PPGH, turma 2018, por cada ensinamento, cada momento e cada luta compartilhada. Gratificante ter dividido esses últimos momentos com vocês.

Aos meus grandes amigos que a UFCG me deu, que estão comigo desde o primeiro dia de aula na graduação e no qual tive a maior honra de dividir tantas histórias e estórias com eles: Danyllo, João Paulo e Bianca. Levo um pouco de vocês e da nossa história em cada folha desse trabalho!

E mais uma vez, não poderia deixar de agradecer ao meu avô. Homem sertanejo e apaixonado por suas raízes. De maneira simples e sempre com um sorriso no rosto, ensinou aos seus oito filhos, quarenta e sete netos e onze bisnetos o verdadeiro significado de amor e respeito. Exemplo de homem, exemplo de esposo, de pai e avô. Tenho a honra de dizer que sou eternamente grata por cada estória contada e por ter te amado tanto aqui na terra. Estarás sempre vivo em minha memória, e sempre fará parte da minha história.

Muito Obrigada!

É de sonho e de pó
O destino de um só
Feito eu perdido em pensamentos
Sobre o meu cavalo
É de laço e de nó
De gibeira o jiló
Dessa vida cumprida a sol
Sou caipira, pira, pora
Nossa Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura
E funda o trem da minha vida

(Renato Teixeira)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa objetiva analisar as vaquejadas como uma festa que teve origem com a labuta na criação de gado e expressa uma representação cultural arraigada do sertanejo, contribuindo para a preservação do meio ambiente, assim como, caracterizar a figura do vaqueiro, na cidade de Esperança, PB, protagonizando sua virilidade e masculinidade. Dessa forma, abrange não somente para a história, mas, fazendo uma relação entre áreas que estão ligadas entre si por essa temática, envolvendo com história cultural e ambiental, mostrando assim, as causas desse processo, como também, seus efeitos sejam eles culturais ou econômicos para a população paraibana. O presente trabalho pretende, através de uma arqueologia de autores como Tomas (2009), Singer (2004), Burker (2004), Chartier (1990), Barbosa (2006) e entre outros, acompanhados de pesquisa de campo e entrevistas apoiadas na história oral, segundo Alberti (2005) e Chizotti (2001), e de análises de músicas, cordeis e poemas, historiar a vaquejada como atividade lucrativa onde nesse meio estão empregados os vaqueiros e seus hábitos e costumes.

PALAVRAS-CHAVE: Vaquejada, masculinidade, cultura, vaqueiro

ABSTRACT

This research work aims to analyze the vaquejadas as a party that originated with the toil in cattle breeding and expresses an ingrained cultural representation of the backcountry, contributing to the preservation of the environment, as well as, characterizing the figure of the cowboy, in the city of Esperança, PB, leading his virility and masculinity. Thus, it covers not only for history, but, making a relationship between areas that are linked by this theme, involving with cultural and environmental history, thus showing the causes of this process, as well as its effects, whether cultural or economic benefits for the population of Paraíba. The present work intends, through an archeology of authors such as Tomas (2009), Singer (2004), Burker (2004), Chartier (1990), Barbosa (2006) and among others, accompanied by field research and interviews supported by history oral, according to Alberti (2005) and Chizotti (2001), and analysis of songs, lambs and poems, tell the vaquejada as a lucrative activity where cowboys and their habits and customs are employed in this environment.

KEYWORDS: Cowgirl, masculinity, culture, cowbo

SUMÁRIO

FICHA CATALOGRÁFICA	3
INTRODUÇÃO	12
CAPITULO 1.....	20
A FIGURA DO VAQUEIRO E SUA VIRILIDADE	20
1.1- A Mulher na Vaquejada: De sexo frágil	28
1.2- Nossa Senhora Aparecida: A devoção por uma mulher	34
1.3- Reflexões acerca das relações entre História, Sociedade e Natureza.....	37
1.4- O mau-trato animal	40
CAPITULO II.....	44
O Comércio Da Vaquejada: História De Vida E Trajetória	44
2.1- A vaquejada como profissão e fonte de emprego.....	46
2.2- A trajetória	51
2.3 - A Vaquejada Contemporânea: As festas	62
CAPITULO III	70
Do Mato eu vim, o Mato respeitarei: A construção cultural da vida no campo.....	70
3.1- O Campo como Lugar de Vida.....	75
3.2- O Campo como Sonoridade e Imagem	78
3.3- Prestígio e confiança: a relação do vaqueiro com seus animais	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89

INTRODUÇÃO

Na década de 1970 os debates ambientais se intensificavam marcados pela ascensão dos temas ligados a conscientização em relação à preservação ao meio ambiente, envolvidos não apenas ao cunho discursivo, as chamadas “vozes da rua”, mas, também, a produção científica e acadêmica, inclusive nos meios historiográficos. É nesse contexto, que a ideia de uma história ambiental como campo historiográfico vai ganhando destaque, onde historiadores passam a discutir de forma organizada essa relação de homem/natureza, possibilitando um novo caminho de estudo. Assim, diversos temas foram relacionados a essa nova maneira de falar sobre história, como o crescimento econômico, preservação da biodiversidade, e temas associados ao controle da urbanização intensa, encontrando uma maneira muito mais prática e receptiva para divulgação destas discussões.

Já intitulado como História ambiental, como lembrou Pádua (2010), o primeiro curso universitário de maior repercussão foi ministrado em 1972, na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, nos Estados Unidos, pelo historiador cultural Roderick Nash, nos Estados Unidos. Duas décadas posteriores, Waren Dean escreve e apresenta seus trabalhos em cunha ambientalista, inclusive os que tiveram como tema estudos de caso brasileiros. Os historiadores eram chamados a opinarem sobre a questão ambiental e se especializavam no diálogo interdisciplinar para responder à altura da complexificação do pensamento nas áreas de saber que envolvia a temática.

Dessa forma, pode-se entender que a história ambiental é bem mais complexa do que entender apenas os danos diários que os seres humanos causam ao planeta. Trata-se de um estudo que engloba a relação entre natureza e vida humana, impondo uma visão global à medida que fenômenos que ocorrem ou ocorreram no meio ambiente, atuam nos questionamentos científicos e técnicos sobre preocupações sociais, políticas e econômicas, identificando os processos que surgem entre a interação da sociedade com a natureza ao longo dos tempos.

Com maior ênfase na relação entre homem, natureza e animal, abordando caráter teórico e metodológico nessa prática de História Ambiental, percebe-se as diferentes formas de relação entre o homem e o animal. Como mostra Keith Thomas(2010), que, historicamente, se elaboraram formas diversas e ambíguas de relacionamento entre os homens e os animais , observou que era defendido a ideia de que os animais existiam para trabalhar e servir de alimento para a espécie humana, primordialmente, conceito que vinha do cristianismo. Porém,

as experiências dos humanos com os bichos não se restringiam somente a isto. Eles fizeram parte do cotidiano e da trajetória humana no planeta assumindo múltiplos significados, atitudes e percepções que lhes foram atribuídos pela sociedade ao longo do tempo.

Pesquisas recentes que abordam a atual interferência humana nos ecossistemas do mundo inteiro, apresentam números preocupantes quanto ao desaparecimento de plantas e animais, quanto à perda de biodiversidade em ritmo intenso e em praticamente todo o planeta, principalmente a partir da expansão econômica e cultural da Europa Ocidental na era moderna, como mostra Crosby (2004). Com isso, teóricos preocupados com o bem-estar geral das espécies humanas e da natureza, vêm alertando para a necessidade de se tornar mais proporcional a relação homem-natureza, pois é cada vez mais elevado o risco de desgastes ecológicos, evidenciando o fato de que o ecossistema global suporta cada vez menos as mudanças bruscas da humanidade. A defesa dos direitos dos animais e o combate a antigas tradições como a farra do boi, as touradas, as brigas de galo, as vaquejadas, etc, se inserem neste contexto.

Entretanto, a relação homem-natureza também expressa uma relação de carinho e afeto. A letra abaixo foi composta nos anos 2001 pelo cantor paraibano Ton Oliveira, conhecida como cheiro de gado. A música faz alusão à vida de vaqueiro e a paixão pelo gado, pelo mato e principalmente pela vaquejada.

Sou campeão
O gado é quem me domina
O mato é minha oficina
E o campo meu ganha pão
Sou do sertão
Nasci num curral de gado
Por isso é que sou varado
Por festa de apartação

(Ton Oliveira)¹

Cita Câmara Cascudo que o vaqueiro sempre foi um homem de muita coragem e de inteira confiança de seus patrões. Segundo Cascudo, o termo “vaquejar” significa procurar o gado e levá-lo ao curral. “Apartar” significa separar os animais e entregar respectivamente aos seus donos. Já a Vaquejada em si, consiste na perseguição e derrubada do animal pela cauda.

¹ OLIVEIRA, Ton; interprete: Ton Oliveira; Cheiro de gado. In: Uma explosão de forró, 2001. 1CD. Faixa

Para o autor, a festa da vaquejada era uma exibição “de força ágil, provocadora de aplausos e criadora de fama”² dos vaqueiros, ligado diretamente a função que eles tinha de pastoreio e caça ao animal soltos no sertão e entregues aos seus fazendeiros. A simples atividade de apartação, a relação entre vaqueiro, fazendeiro e o próprio animal, foi por diversas vezes repetidas em público, nos pátios das fazendas, e mais tarde, a rotineira atividade de recolher animais ariscos soltos na caatinga e entregar aos pés dos seus patrões, mostrando força, poder e agilidade, foi ganhando destaque e se tornando como atividade culturale umas das principais festas Nordestinas.

As vaquejadas consistem em rituais de sociabilidade e entretenimento não excluindo a presença dos fazendeiros, porém, era uma festa da cultura popular organizada pelas camadas desfavorecidas da sociedade. A festa é um jogo no quais todos participam, sendo considerada para os vaqueiros como uma brincadeira e ao mesmo tempo a chance de mostrar para os demais a sua força, habilidade, vitalidade e energia. A consolidação da vaquejada estava integrada a vida cotidiana dos sertanejos e o reconhecimento das suas habilidades será relatado e elogiado por todos os presentes em áreas circunvizinhas, mas não proporcionará a sua ascensão social. Onde ele continuará sendo o mesmo peão/vaqueiro para os coronéis.

Cascudo, sobre possíveis registros anteriores destas festas, destaca não reconhecer nenhum antecedente até a década de 1870. Tal fato está relacionado ao crescimento da criação de gado que se tornou marco importante no sertão nordestino a partir de meados do século XVIII. Dessa forma, ele prossegue afirmando que as vaquejadas consistiam em rituais de sociabilidade e entretenimento popular, organizada pelas camadas desfavorecidas da sociedade, onde não há participações dos fazendeiros. Como cita Machado (2002) “a festa é um dos momentos de realizar o encontro com as raízes fundantes, de estabelecer parceiros, de (re)construir uma humanização perdida”. Ou seja, a prática da vaquejada consiste em transformar a seriedade do trabalho do vaqueiro, e suas obrigações diárias, em alegria, comemorações e, também, na demonstração de habilidade, agilidade, força, e de vigor físico dos sertanejos.

Na época em que não havia cercas no sertão nordestino, os animais eram soltos na mata e era função dos vaqueiros caçarem e cuidar do gado, trazendo sob seu domínio para os pés do seu patrão. Eram indispensáveis a coragem e a habilidade dos vaqueiros, para entrar na mata serrada e juntar o gado. O vaqueiro foi tangendo o gado, abrindo estrada, desbravando regiões.

² CASCUDO, Câmara; **Vaqueiros e Cantadores**. São Paulo: Edusp, 2005.

Foram eles os grandes desbravadores dos sertões paraibanos, e dessa forma, mostrando agilidade e força, foram conquistando seu espaço nessa atividade nacionalmente conhecida nos dias atuais.

O geógrafo Manuel Correia de Andrade (1986) abordou sobre a criação de gado no agreste e sertão e comentou a apartação e a vaquejada. Segundo Manuel, a apartação significa uma festa proporcionada pelo fazendeiro para tentar recompor seu rebanho utilizando das habilidades dos seus vaqueiros e dos vaqueiros de fazendas vizinhas, assim, também, feita no momento de ferrar o gado para a comercialização; o surgimento das vaquejadas tem a origem com a procura dos animais bravios na caatinga. Dessa forma, o autor destaca:

O animal bravio selvagem, o “barbatão” que logo ganhava fama, atraindo os vaqueiros mais em sua perseguição. Para a sua captura convocavam-se vaqueiros das várias ribeiras que em verdadeira festa iam perseguir o animal bravio. O que o derrubava, além de grande fama recebia como prêmio, ou o animal vencido, ou uma importância em dinheiro (ANDRADE, 1986).

No livro os sertões de Euclides da Cunha (1902), pode-se perceber com clareza a caracterização valente do vaqueiro segundo o próprio autor, onde o mesmo descreve as tradições dos vaqueiros, o estouro da boiada, a influência das secas e do sertão como definição de suas habilidades. Destaca também o vaqueiro e a forma como lidavam com gado, a grande importância da honra e virilidade, o seu folclore rico, e o seu modo de vestir sempre destacando a masculinidade presente em um sertanejo. Ao mesmo tempo, Euclides mostra o lado desengonçado e preguiçoso do sertanejo, em contra ideia do que ele identifica como “forte” onde destaca “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.” Para o autor, essa aparência de fraco e cansado não demonstra o que realmente o sertanejo é. Demonstra a figura de um homem despreocupado com os hábitos rotineiros, demonstrando preguiça em todo seu cotidiano mas que na verdade, é travado uma batalha diária pela luta da vida.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-se a postura normalmente abatida num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofria o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos,

descansando sobre a esplenda da sela. Caminhando mesmo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. (CUNHA, 1902)

Nessa passagem, Euclides distingue a ideia do sertanejo diferenciando o que marca a obra do autor, a divisão entre dois “brasis”, ou seja, a dualidade entre o sertão e o litoral. Ao mesmo tempo que destaca a figura do gaúcho do Sul em contrapartida ao vaqueiro do Norte. O autor mostra que o gaúcho do Sul não tem uma “luta pela vida” como o vaqueiro do Norte. O gaúcho é, em linhas gerais, um “aventureiro, jovial, diserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como uma diversão [...]”. Já o vaqueiro do Norte assume uma realidade mais árdua, onde é marcado pelo combate aos horrores da seca, da terra árida, convivendo com cenas de miséria e devastação. Dessa forma, Euclides destaca:

O vaqueiro do Norte é a sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos não há equipará-los. O primeiro, filho dos plainos sem fins, afeito às correrias fáceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tem, certo, feição mais cavalheirosa e atraente. A luta pela vida não lhe assume o caráter selvagem da dos sertões do Norte. Não conhece os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e exsicada. Não o entristecem as cenas periódicas da devastação e da miséria, o quadro assombrador da absoluta pobreza do solo calcinado, exaurido pela adustão dos sóis bravios do equador. Não tem, no meio das horas tranquilas da felicidade, a preocupação do futuro, que é sempre uma ameaça, tornando aquela instável e fugitiva. Desperta para a vida, aventureiro, jovial, diserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como uma diversão que lhe permite as *disparadas*, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo os ombros, palpitando aos ventos, o pala inseparável, como uma flâmula festivamente desdobrada. (CUNHA, 1902)

Nas leituras com Eriosvaldo Lima Barbosa (2006) e Luis da Câmara Cascudo (1969), entende-se o estreitamento da relação Homem/animal a ponto de domesticação na introdução de cavalos e bovinos no Brasil desde o século XVI. No sertão semiárido, os bois e a pecuária extensiva forneceram a base não só da alimentação, mas, da indumentária e dos hábitos de trabalho e lazer dos vaqueiros. Nesse sentido, está focada a questão das vaquejadas, do seu surgimento ao lado das atividades de apartação do gado nas fazendas tradicionais do sertão, até o momento em que esta se torna uma atividade independente e muda completamente o sentido, deixando de ser uma tarefa de trabalho passando a ser um espaço de festa arraigado na cultura, conseguindo vantajados lucros. Com tudo, para ambos os autores, as vaquejadas alimentando a pretensão de se entenderem como práticas esportivas, no que tem sido apoiada pelas

representações legislativas associadas aos seus interesses econômico-culturais e rechaçadas pelos defensores locais dos direitos animais.

Um outro ponto levantado, debruça em entender um pouco sobre a História Cultural. Como mostra Burker (2004), a História Cultural dedica-se as diferenças, debates e conflitos das tradições compartilhadas em culturas inteiras. O autor faz uma abordagem do papel do historiador colocando a história cultural como um conjunto de ciências humanas ou costumes e tradições de uma sociedade que ao lado da história estuda o desenvolvimento social. Para Roger Chartier (1990), entender história cultural ou até mesmo a cultura em si, se faz necessário discutir duas noções complementares de “práticas” e “representações”. Dessa forma, Chartier (1990) diz que a história cultural objetiva identificar o modo como em diferentes lugares e momentos a cultura passa a ser montada, construída ou pensada. Partindo para a ideia de “representações”, segundo Chartier, a cultura vem ganhar destaque a partir do que ele chama de “luta de representações”, onde geram inúmeras apropriações de acordo com os interesses sociais, imposições e resistências políticas e sociais.

Além das leituras teóricas, relatos de trabalhadores e ex-trabalhadores dos parques de vaquejadas, bem como vaqueiros e vaqueiras, empresários do ramo e acompanhamentos dos grandes eventos, na tentativa de entender o seu papel durante e depois dos festejos da derrubado do boi. O objetivo se prendia em buscar informações, versões e interpretações acerca da vaquejada e do mundo que tem por trás dos grandes eventos e espetáculos.

Nesta perspectiva, direciono esta pesquisa sobre a trajetória histórica dos movimentos ambientalistas no estado da Paraíba, focalizando a história ambiental, e sobre seus embates no processo de construção social e cultural na prática da vaquejada nos últimos anos. O objetivo é investigar a tradição das festas de Vaquejada na Paraíba, mas, com maior ênfase, na cidade de Esperança.

Efetivamente, as vaquejadas são um sucesso em senso popular, pois envolvem uma cultura musical específica, associada ao chamado forró eletrônico e ao financiamento de seus músicos, formam espaços de sociabilidade e encontro, bem como de afirmação de valores relacionados à masculinidade e suas representações e afirmações.

Conceitualmente, a vaquejada é considerada uma atividade recreativa-competitiva, que tem como características de esporte, no qual dois vaqueiros tem o objetivo de alcançar e emparelhar o boi entre os cavalos, conduzi-lo até o local indicado, onde, no âmbito exato de duas linhas traçadas na terra a giz, o animal deve ser derrubado Prática inicialmente inventada

e incentivada nos sertões nordestinos, nas grandes fazendas dos coronéis, onde os animais eram marcados e soltos na mata. Depois de algum tempo, os fazendeiros reuniam seus peões para juntar o gado marcado com as orgulhosas iniciais de seus nomes. Entretanto, alguns desses animais se reproduziam na mata e sem contato direto com humanos, esses filhotes se tornavam selvagens e ariscos, sendo eles o principal alvo para essa busca chamada de “pegas de gado”. Montados em seus cavalos nordestinos, os peões se embrenhavam na caatinga cerrada em busca dos bois, que, pegavam pelo rabo e traziam aos pés do coronel.³ Nessa luta, alguns desses homens se destacavam por sua valentia e habilidade, daí surgiu a prática de transformar essa simples busca do gado em competição.

De início, a vaquejada marcava apenas o encerramento festivo de uma etapa de trabalho, onde os peões tinham a obrigação de reunir o gado, marcar, castrar, tratar as feridas, etc., Era a tradicional “Festa da apartação”, da separação do gado. Feita a separação, acontecia à vaquejada. No entanto, essa tradição foi ganhando cada vez mais importância e as festas deixam de ser de simples diversão entre os vaqueiros e passam a ser uma das atividades mais atrativas no sertão nordestino.

É nesse caminho que busco entender o papel do vaqueiro e suas caracterizações partindo como objeto de pesquisa a cidade de esperança, uma vez que, de família de peões e vaqueiros, cresci vendo essa prática como tradição familiar passada de pai para filho. Meu avô, Antônio Lins, vaqueiro e apaixonado pelo campo, sempre teve a preocupação de transpassar esses costumes para seus filhos e netos. Para mim, nada mais singelo do que responder essa paixão pela vaquejada e pelo campo, do que estudar e compreender, seguindo diversos teóricos, como se deu essas práticas e a repercussão dessa profissão e dessas práticas nos dias de hoje. Além disso, a cidade de Esperança, como aproximadamente 35mil habitantes, segundo dados do IBGE no ano de 2010, tem na agricultura e no cultivo de gado umas das principais fontes econômicas da região, ganhando destaque a tradicional feira de rua.

O presente trabalho tem como objetivo principal entender e compreender a relação por vezes tão estreitas e por outras tão distintas entre a natureza e o homem, entre o racional e o

³ A expressão, Cavalos Nordestinos, refere-se a uma raça híbrida formada no Brasil a partir da introdução e domesticação de animais da raça Berbere (ou Barbo) do Magreb, frequentemente cruzados com os das raças someia e Garrano, muito comuns em Portugal, como em toda Península Ibérica no século XVI. Sua formação se deu desde então por cruzamento e adaptação às regiões de brejo e semiárido que caracterizam o atual Nordeste Brasileiro. Iniciativas regionais nordestinas tem, hoje, investido na preservação e reprodução da raça que é a principal, embora não única, empregada nas modernas vaquejadas. Para mais informações sobre o tema, veja: MELO, Jânio Benevides de. Caracterização zoométrica do remanescente da raça equina Nordestina nos estados de Pernambuco e Piauí. Tese de Doutorado em Veterinária. Recife, UFPE, 2011.

irracional. Dessa forma, a experiência vivida e o entrelaçar das fontes e história oral me possibilitaram refletir mais intimamente com essa relação homem-natureza, e até mesmo, me arrisco dizer, fazer parte dela. Portanto, esta dissertação será dividida em três capítulos com assuntos diversos. O primeiro capítulo, intitulado *A figura do vaqueiro e sua virilidade*, vem mostrar através de fontes orais, relatos de vaqueiros, trabalhadores do campo, funcionário de parques e haras, como também através das fontes musicais, cordéis e poemas regionais, a caracterização do vaqueiro como homem de força, virilidade e masculinidade. Não esquecendo da presença feminina no cotidiano do vaqueiro, nas letras das músicas, na “fragilidade”⁴ do esporte e na figura de fé e autoridade para os vaqueiros devotos de Nossa Senhora Aparecida.

O segundo capítulo, intitulado *o comércio da vaquejada: história de vida e trajetória*, tem como enfoque maior analisar os discursos dos vaqueiros sobre suas trajetórias de vida e o envolvimento com o esporte ou profissão, assim como, não deixando de destacar o negócio da vaquejada como evento de grande patrocínio e envolvimento popular.

O terceiro e último capítulo, destaco em uma relação mais íntima e familiar. Como criança do campo, e já mencionado anteriormente, cresci no mato e na terra, cresci no sítio e no cavalo, sempre acompanhando meu vovô e claro, aprendendo a respeitar e cuidar da natureza, do bicho e do seu espaço. Destaco aqui a importante relação homem-campo. Intitulado *Do mato eu vim, o mato respeitarei*, tem o enfoque maior relatar a importância dessa relação Homem-campo, o aprendizado que tive com isso, e testemunho de alguns peões e vaqueiros que reconhecem que o seu lugar é da natureza.

Assim sendo, convido você, leitor, a conhecer um pouco da minha trajetória como mulher do campo, historiadora e pesquisadora, que viu a possibilidade de expressar o mais puro sentimento de gratidão ao mato e ao animal através da história. Bem como, a trajetória de vida e interesse de diversos homens do campo, vaqueiros e peões, que vivenciam diariamente e distintamente a relação homem-natureza de forma singela e sincera.

⁴ O termo encontra-se entre aspas para destacar que foi dito assim por membros entrevistados para a pesquisa

CAPITULO 1

A FIGURA DO VAQUEIRO E SUA VIRILIDADE

Antes dos anos de 1950, quando não existia o costume de colocar cercas nas fazendas no sertão nordestino, Camara Cascudo (1976), mostra que os bois eram marcados e soltos na mata e os peões, contratados pelos coronéis, tinha como função entrar na mata em busca dos animais. De início, a prática da vaquejada marcava o encerramento festivo de uma etapa de trabalho, onde os peões reuniam o gado e marcavam cada um deles. Era a tradicional festa da separação do gado. No entanto, essa tradição foi ganhando maior importância e o que antes se acontecia no terreiro das fazendas, agora acontece em grandes eventos, sendo uma atividade bastante lucrativa e conseguindo cada vez mais apoios de empresários e até políticos locais. Assim, a Vaquejada deixou de ser uma simples diversão entre os vaqueiros e passou a ser uma das atividades mais atrativas no nordeste brasileiro. Uma tradição cultural passada de pai para filho, destacando a figura do vaqueiro e suas habilidades de força, bravura e coragem.

Estudos recentes como os de Medrado (2008, 2013) expõe as relações políticas e sociais que os “vaqueiros nordestinos” mantem com os outros trabalhadores locais, assim como, a relação com seus fazendeiros quando estes lhes concediam alguma autonomia, poder ou título. Medrado relata e exemplifica como os avanços da agropecuária entre os séculos XIX e XX modificaram a relação e as condições de vida dos “vaqueiros” envolvendo seus agentes sociais e as suas trocas de poderes. Os estudos de Medrado não distanciam do que já dizia Câmara Cascudo (1976), onde acreditava que as expressões culturais nordestinas remontam ao século XIX e refletem o processo de ocupação vinculado à pecuária. É o caso das vaquejadas ou pegadas de boi no mato, que existem desde meados do século XIX, mas que nos dias de hoje, essa prática vem perdendo força em algumas regiões, ganhando destaque apenas na Paraíba e Rio Grande do Norte.

Como mostra Medrado (2008), já é possível mecanizar cada etapa do processo produtivo no campo. Existem no mercado opções como grandes colheitadeiras com multifunções, até equipamentos portáteis para atender a demanda do agricultor, intensificando um aumento da produtividade e a redução do desgaste físico dos trabalhadores do campo. Neste caso, cabe aos vaqueiros não mais um trabalho “braçal”, de força e virilidade, e sim como uma espécie de inspecionar e acompanhar os maquinários nas fazendas. Sendo assim, percebe-se que os vaqueiros foram perdendo a figura de homem forte e valente nas fazendas, nos campos

e nas atividades agropecuárias. As vaquejadas, por sua vez, recolocam os vaqueiros com sua identidade original segundo as tradições do sertão nordestino, bem como os definem, por exemplo, quanto sua virilidade e masculinidade. Destacando, também, sua profissionalização como um desportista, como mostra Aires (2008), ou então sua constituição como uma representação cultural, seguindo os estudos de Menezes e Almeida (2008).

É nesse caminho que busco entender o papel do vaqueiro e suas caracterizações a partir do “clube do vaqueiro” existente na cidade de Esperança, Paraíba. Região do Semiárido brasileiro, a cidade de Esperança tem aproximadamente 35mil habitantes, conforme dados apresentados pelo IBGE – 2010. Onde a agricultura e o cultivo de gado ainda é umas das principais fontes econômicas da região, ganhando destaque na tradicional feira de rua. É nesse ambiente agricultor que surge o “clube do vaqueiro”, com fundação em 2014, onde vaqueiros da região se reúnem semanalmente para treinos e discussões de habilidades. A maioria desses encontros acontecem em haras ou fazendas, como é o caso da fazenda São Marcos ou o Haras vale Verde, em Lagoa Seca.

Em primeiro lugar, é importante diferenciar os termos “vaquejadas” e “pegas de boi” onde muitas vezes são designados para as mesmas atividades, tratando de um costume sertanejo da separação do gado em uma certa época do ano. Entretanto, acompanhando o relato de João⁵, caseiro de uma fazenda e vaqueiro desde criança, morou por muitos anos no estado de Pernambuco e diferencia as duas práticas sendo uma, considerada como esporte, que é o caso da vaquejada. Onde a derrubada do boi deixa de ser uma atividade corriqueira e passa a ser um espetáculo, com regras e normas, acompanhada de grandes investimentos e patrocínios, existindo uma competição entre vaqueiros, necessariamente um jogo que envolve a habilidade de uma dupla de vaqueiros, o batedor de esteira e o puxador. Ambos desempenhando funções distantes, porém, de extrema importância para a competição.

O vaqueiro batedor de esteira tem a função de prender o animal entre as duplas e entregar o rabo do boi ao seu parceiro. Já o vaqueiro puxador recebe o rabo do animal e derruba de acordo com as demarcações do chão e as regras do jogo. No caso das pegas de boi, são atividades seguindo a tradição, sem muitos investimentos e com pouco fim lucrativo, as derrubadas

⁵ Interlocutor da pesquisa. Residente na cidade de Esperança, Pb. 39 anos, casado, 3 filhos. Tem como profissão caseiro de uma fazenda, onde atua como vaqueiro profissional há 5 anos. Relata em seu trajeto vitórias conceituadas e de grandes prêmios, destacando a última vitória na qual ganhou como premiação uma motocicleta além do valor em dinheiro.

ocorrem sem regras ou formação de duplas, apenas visando o destaque do vaqueiro e suas habilidades com os animais. Outra importante diferença entre essas duas práticas destaca que os competidores de vaquejada devem ser considerados desportistas ou profissionais, já nas pegas de gado, qualquer pessoa pode participar, o que destaca nesse caso, é o que já foi dito anteriormente, a força e a habilidade que os vaqueiros tem em relação com o animal.

Com tradição familiar, o “clube dos vaqueiros” surgiu no intuito de montar e fortalecer uma equipe de vaqueiros, facilitando nos treinamentos, patrocínios e principalmente, transportar os cavalos para as vaquejadas em cidades vizinhas. Roberto⁶ e Lucas⁷, respectivamente pai e filho, são os fundadores do clube. Roberto, 55 anos, é proprietário de uma fazenda na cidade, vaqueiro durante muitos anos, aposentou “as botas” devido à idade. Mas o amor pelo esporte não deixou que ele saísse dos Haras ou deixasse de acompanhar de perto os grandes espetáculos. Ensinou para seus filhos, Lucas e Antônio,⁸ tudo que sabia desde a selagem do cavalo até a derrubada do boi, e mais do que isso, como proprietário de fazenda e de várias cabeças de gados e cavalos, Marcos aluga o animal para aqueles vaqueiros que não possuem o seu próprio cavalo e dessa forma, o pagamento chega a ser parte da premiação que o vaqueiro recebe no final do evento.

O “clube de vaqueiro” tem atualmente aproximadamente 50 vaqueiros, sendo apenas 3 mulheres. Em uma das reuniões para treinamento, na qual tive a honra de participar, pergunto sobre essa diferença de membros entre homens e mulheres. A maioria dos vaqueiros ali presente responderam, com frieza, que vaquejada é um esporte para homens, uma vez que exige de tamanha força e habilidade que não é de costume encontrar numa mulher. Quando pergunto sobre essa “habilidade”, Alisson⁹, membro do clube, responde: “tem que ter força para derrubar o boi com uma só mão e ainda controlar o cavalo com a outra. Mulher é mais delicada. Para homem é mais tranquilo.

Quando se fala de vaqueiro, peão ou sertanejo-nordestino, logo se faz pensar a figura de um homem e a valorização dos seus atributos de coragem, força e resistência, presente no cotidiano das fazendas e enfrentando as adversidades do sertão. O porte atlético remete a um

⁶ Morador da cidade de Esperança, PB. Empresário e fundador do Clube dos Vaqueiros.

⁷ Vaqueiro residente da cidade de Esperança. Tem a vaquejada como esporte e segue essa profissão desde criança. Tradição passada de pai para filho. Filho de empresário, junto com seu pai, fundaram o clube dos vaqueiros em 2014.

⁸ Estudante, 17 anos. Filho de empresário. Vaqueiro desde criança, cresceu aprendendo com seu pai todos as práticas e costumes dessa atividade.

⁹ Residente da Cidade de Esperança e membro do Clube dos vaqueiros. Estudante, 20 anos, é vaqueiro há 5 anos.

ideal de masculinidade, que lhe confere estatuto de exemplo a ser seguido pelo homem nordestino “uma raça forte e homogênea” a ser inscrita e difundida socialmente, como destaca Durval Muniz (2001) ao tratar da invenção do Nordeste, destacando os flagelos que a região enfrenta em meados do século XX. Uma região marcada pela seca e conseqüentemente, fome e miséria. É nesse ambiente natural hostil que Durval destaca o “sertanejo”, valorizando os seus atributos de coragem para enfrentar diariamente as adversidades do sertão, como a seca, a natureza cruel, a exploração do trabalho, fome, miséria e violência.

O nordestino é definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica. Um homem de costumes conversadores, rústicos, ásperos, masculinos. O nordestino é definido como um macho, capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar a região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava (ALBUQUERQUE JR., 2001).

Observando a postura dos vaqueiros e alguns dos seus relatos, acompanhando algumas reuniões no clube, em contrapartida com a letra música de Jair Rodrigues “*Vaqueiro de Profissão*”, nota-se com a virilidade e valência do vaqueiro que tem suas habilidades como profissão, desde a captura do animal pelo braço até a sua derrubada. Destaca-se a valentia já citado por Alisson, em se tratar “já domei touro no braço/ dispensei chipão e laço”, exemplifica atividade como essa no ofício do vaqueiro, afirmando que vaqueiro não é só montar em um cavalo e ir para parques derrubar o boi. Existe os vaqueiros de fazenda, que tem entre outras atividades, cuidar diariamente dos animais em relação ao pastoreio, onde por diversas vezes, o vaqueiro enfrenta o animal com força braçal, sem se preocupar com os perigos que o animal pode trazer. Sobre a construção da masculinidade do vaqueiro de fazenda, Eriosvaldo Lima Barbosa considera que “não há fissuras, não há meio termo. No contexto do vaqueiro de fazenda, não há também lugar para homens fracos e covardes. Covardia é defeito, ao passo que a valentia é virtude” (BARBOSA, 2006, p. 56)

Sou vaqueiro de profissão.
 Pros filhotes que eu tenho em casa
 Nunca falta nas minhas asas um pouquinho de água e pão
 Se eu demoro a saudade corta
 Pois deixei por de trás da porta a metade de um coração.

(Jair Rodrigues)¹⁰

¹⁰ RODRIGUES, Jair; interprete: Jair Rodrigues; 1996. 1CD. Faixa 8

O vaqueiro nordestino serviu de grande inspiração também para o saudoso Luiz Gonzaga onde o sanfoneiro destaca nas suas composições a árdua rotina do homem sertanejo e suas dificuldades enfrentadas, não deixando de lado, a caracterização o vaqueiro sempre apresentando seus trajes típicos, como gibão e chapéu de couro. A figura de homem “macho” e valente, ainda remetendo a ideia de masculinidade apresentada por Durval Muniz (2003), Luíz Gonzaga sem desprender de suas raízes nordestina, destaca em sua letras o sertanejo nordestino como homem macho e valente, destacando de forma poética que o compositor o Nordeste com sentimento de saudade, sempre voltando para o passado, para o rural, para o retirante e migrante (no caso do enfrentamento das secas) e principalmente, para a figura masculina, vencendo as mazelas do serão época.

Com meu gibão e meu cavalo na puxada
 A rês montada vai ligeiro pro currá
 Sou sertanejo já gostei de acabá samba
 Sempre fui bamba no manejo do punhá
 Não tenho medo de careta nem de nada
 a moçada no lugá onde eu me acho
 Atentamente vai ouvindo e vai vibrando
 E comigo vai cantando ô veio macho!
 Ô veio macho! ô veio macho

(Luiz Gonzaga)¹¹

Assim como serviu de inspiração na sanfona de Luiz Gonzaga, poemas também surgiram retratando as experiências e costumes de vidas dos homens sertanejos e suas rotinas de luta, sofrimento e glória. Patativa do Assaré relata em seu poema “O Vaqueiro” o sentimento de ser vaqueiro. Cita as durezas do sertão, a luta contra as secas, as vitórias de um vaqueiro e a história de um sertanejo que tem amor na sua profissão.

Tenho na vida um tesôro Que vale mais de que ôro:
 O meu liforme de côro, Pernêra, chapéu, gibão. Sou vaquêro destemido, Dos fazendêro querido, O
 meu grito é conhecido

¹¹ GONZAGA, Luiz. Interprete: Luiz Gonzaga; Ô vieo Macho. In:Ô veio Macho, 1962. 1CD. Faixa 1.

Nos campo do meu sertão.

(Patativa do Assaré)¹²

Ainda hoje, bandas do tradicional forró de vaquejada como Ton Oliveira, Sirano e Sirino, Brasas do Forró, Mastruz com Leite, 100 párea e entre outros, continuam tendo o vaqueiro como figura central de suas músicas, mas o que vem ganhando destaque maior nas grandes festas da derrubada do boi é o que chama hoje de sertanejo Universitário e o Forró eletrônico. Mano Walter, além de cantor e compositor, também é vaqueiro e engenheiro agrícola, apesar de não exercer a profissão. Se considera como “vaqueiro playboy” onde suas composições são influenciadas pelas festas de vaquejadas e pela ostentação de ser um vaqueiro, afirmando, ainda pela ideia de masculinidade presente em ser vaqueiro, de que é uma profissão da “moda”, “Não adianta estudar pra ser doutor e engenheiro/ Porque a moda agora é ser vaqueiro”. Nessa composição, Mano Walter ainda continua a ideologia de virilidade na profissão afirmando que basta ter força nos braços e habilidade para derrubar o boi pra se ter prestígio na sociedade: “não precisa diploma, de faculdade não/ basta ter força no braço/ pra derrubar boi no chão”.

Sempre destacando a força e virilidade masculina nessa profissão, o vaqueiro é tido nas canções de Mano Walter como homem garanhão, que se destaca entre a sociedade e principalmente entre as mulheres

Todo mundo sabe que eu vim do interior
 Me criei na fazenda sou matuto sim senhor
 Escuta aí doidim respeita meu sertão
 Aqui é diferente nos derruba boi com a mão
 Mercedes é meu cavalo
 Chicote é meu cartão
 Trezentas gramas de ouro
 Tem aqui no meu cordão
 A mulherada enlouquece quando chego na cidade
 Invejoso fica louco
 Por que já sabe
 Que o vaqueiro tá atualizado
 Vaqueiro virou play boy
 Vaqueiro tá estourado

(Mano Walter)¹³

¹² ASSARÉ, Patativa do. *Inspiração Nordestina: Cantos de Patativa*. São Paulo, 2003.

¹³ LOPES, José Walter Tenório. *Interprete: Mano Walter; Vaqueiro Atualizado*. In: CD promocional de verão, 2017. 1CD. Faixa 3

Em diálogo com as teorias de Marcos Napolitano (2002) sobre História e Música, busco entender as composições sobre vaqueiros em algumas músicas de Mano Walter, por exemplo, bem como de outros cantores já citados até agora, como Luiz Gonzaga. Napolitano em seus estudos, deixa entender uma nova forma de escrever história ou de pensar o passado, assim como, também, o presente e quem sabe até o futuro, através de um novo viés. Por que relatar suas experiências em uma canção?

[...] Se você tiver uma boa ideia, é melhor fazer uma canção”, já disse um famoso compositor brasileiro. Mas além de ser veículo para uma boa ideia, a canção (e a música popular como um todo) também ajuda a pensar a sociedade e a história. A música não é apenas “boa para ouvir”, mas também é “boa para pensar”. O desafio básico de todo pesquisador que se propõe a pensar a música popular, do crítico mais ranzinza até o mais indulgente “fã-pesquisador”, é sistematizar uma abordagem que faça jus a estas duas facetas da experiência musical [...] (NAPOLITANO, 2002).

Nesse caminho, pensando e diferenciando as composições de Luiz Gonzaga e do próprio Mano Walter, nota-se que os ambos em suas canções fazem relatos de experiências já vividas ou de histórias já contadas. No caso de Luiz Gonzaga, como já foi dito, relata a versão de um Nordeste mais sofrido em que o sertanejo buscava na árdua rotina vencer as mazelas da época. Mano Walter, em um caso contrário, destaca em suas canções experiência de um vaqueiro que ostenta festas, ouros e mulheres. Colocando a profissão do vaqueiro como algo a ser invejado, ao mesmo tempo em que destaca que para acontecer isso se faz necessário apresentar sua virilidade. De um lado, as canções de Mano Walter apresentam a virilidade do vaqueiro por uma vida de ostentação e festa, premiações e habilidade de derrubar o boi com sua força. Do outro lado, as canções de Luiz Gonzaga sempre destacando o sofrido sertanejo que busca na força vencer as mazelas e a vida de sofrimento que o Nordeste se encontrava na época.

Com ritmo mais jovem e envolvente, o sertanejo universitário e o forró eletrônico vêm tomando conta dos grandes espetáculos de vaquejada, conquistando ainda mais espaço nessa nova indústria cultural. Envolvendo o tradicional com o moderno, esse novo ritmo, acaba por diferenciar, também, nas vestimentas dos vaqueiros.

O que antes era de costume encontrar um vaqueiro com chapéu de couro, fivela de ouro e bota bico estreito como descrito na letra da música *Falta um boi vaqueiro no meio dessa boiada*, música do cantor e compositor Ton Oliveira.

Está faltando um guarda peito e cinturão reforçado
 Chapéu de couro de gado
 e um par de luvas bem feito
 Sapato do bico estreito e uma espora niquelada
 Corda de fazer laçada pra laçar boi mandingueiro
 Falta um boi vaqueiro no meio dessa boiada
 (Ton Oliveira)¹⁴

As vestes, a princípio, serviam de proteção as secas do sertão, do sol forte e dos galhos ariscos na mata onde o gado era solto. Utiliza-se uma roupa própria, feita de couro cru, o chamado gibão. Ele funciona como uma armadura de cor marrom, feita de couro de carneiro ou bode. Além do gibão, a vestimenta dos vaqueiros mais tradicionais se completa com luvas, perneiras (um tipo de calça especial que colocava na altura da canela) chapéu, jaleco e peitoral. Bem típico do sertão nordestino, características presente, também, nas vestimentas de lampião e os cangaceiros. Hoje em dia não existe mais essa preocupação de utilizar as roupas como forma de proteção, o que deixa o vaqueiro mais livre para escolher suas vestimentas. Chapéu de couro, botas e fivelas de ouro ainda ganham destaque na sua caracterização, mas nesse caso, o principal intuito é se destacar de forma viril dos demais que ali estão.

Em conversa com o Vaqueiro Josimar¹⁵, tento entender um pouco do que difere as vestimentas dos vaqueiros atuais com o que está descrito nas músicas de Luiz Gonzaga, por exemplo. Josimar explica que bota, chapéu e “calça grossa” ainda se faz necessário para aqueles vaqueiros que além das festas de vaquejadas exercem essa função no campo para aquele que trabalham nas fazendas e no mato com o cultivo ou pastoreio do gado, e isso se dar, devido a proteção ao sol, as plantas, a rotina puxada de tarefas do campo. Diferentemente das vestimentas utilizadas para correr nas vaquejadas em eventos. A roupa, nesse caso, passa a ser uma composição do vaqueiro com seu patrocinador. Geralmente são camisas de patrocínio, bota e chapéu de couro apenas para manter a tradição. O destaque maior, está, nesse caso, para as grandes festas que ocorrem depois. Tanto as festas de caminhão¹⁶ quanto os espetáculos de grandes shows que acontece nos parques. O vaqueiro já se encontra preparado, também, para as festas.

¹⁴ OLIVEIRA, Ton; interprete: Ton Oliveira; Falta um boi vaqueiro no meio dessa boiada. In: Uma explosão de farró, 2001. 1CD. Faixa 5.

¹⁵ Vaqueiro há 10 anos. É caminhoneiro e leva a vaquejada como esporte nas horas vagas. Membro do clube de vaqueiros.

¹⁶ Festa de caminhão é uma festa particular para os vaqueiros que ocorrem dentro dos caminhões que transportam os animais do evento. Essa festa serve para reunir os vaqueiros, peões e patrocinadores intuito de comemorar uma senha batida (derrubada do boi em fase individual), ou a conquista de um prêmio, como também combinar estratégias

Dessa forma, através das conversas realizadas para pesquisa e demais leituras, compreende-se que esse amor pela profissão, pela função de vaqueiro e pelo cuidado com os animais estão presentes até os dias de hoje. A relação de vaqueiro está muito mais além do que correr nas vaquejadas e conquistas de títulos e prêmios, está ligado também ao amor pelo Nordeste e em acreditar que essa prática faz parte da cultura do estado. O vaqueiro Ericles¹⁷, por exemplo, cita que a vaquejada pode ser considerada uma herança familiar, como ele diz “um negócio de família, que passa de pai para filho”. Ainda acompanhando os treinamentos no “clube dos vaqueiros”, quando pergunto se eles veem a vaquejada como um ofício ou como um esporte, todos respondem que para eles a vaquejada é uma forma de “trabalhar brincando” e de “fazer o que amam fazer”.

Esse diploma eu guardei
como lembrança é uma prova
que no tempo de infância
eu fui vaqueiro e tive muita confiança.

(Mano Walter)¹⁸

Contata-se que a vaquejada ainda é considerada um esporte masculino uma vez que está ligada com o sertão nordestino e sua história marcada com sofrimento e superação. Sempre colocando a figura de homem como defensor, guerreiro, forte e valente, e acima de tudo, destemido a sempre lutar e proteger o seu estado. Nota-se o amor pelo ofício de vaqueiro, ao mesmo tempo que está atividade estava e ainda está ligada a uma competição de força e habilidade. Sempre mostrando e buscando ser o campeão.

1.1- A Mulher na Vaquejada: De sexo frágil

Não tem diferença não Pra ser bom de vaquejada
Só precisa em Deus ter fé E amar a vida de gado
Pra poder botar pegado
Tanto faz homem ou mulher

(Limão com Mel)¹⁹

¹⁷ Morador da cidade de esperança, Ericles é representante comercial e dono de uma oficina na cidade. Como próprio empresário e patrocinador, tem na vaquejada um esporte e uma forma de lazer. Montador a quase 10 anos

¹⁸ LOPES, José Walter Tenório. Interprete: Mano walter; Boi Cigano. In:CD promossional, 2016. 1CD. Faixa 8

¹⁹ BANDA LIMÃO COM MEL; Mulher Vaqueira; in: Forro Meirão, 2008. 1CD; Faixa 2.

A música que serve de epígrafe para esse subtópico, Mulher Vaqueira, é de composição da banda Limão com mel e foi lançada no ano de 2014. Caracteriza a rotina de uma mulher vaqueira com suas habilidades, onde mostra que não importa se é homem ou se é mulher, na vaquejada, no campo ou diante do boi, o que vale é derrubar o boi no chão.

Estudos de Barbosa (2006) apontam o oposto do que foi visto até agora. Dando enfoque as questões da vaquejada ser associada a um esporte masculino, com exibicionismo de força, habilidade, agilidade e virilidade, Barbosa coloca a figura do feminino em contradição aos costumes da vaquejada. Passa de uma competição particular entre homem e mulher, macho e fêmea, justificando por que a vaquejada é, até os dias de hoje, considerada um esporte tipicamente masculino. O autor utiliza de comparativos, explicando que, enquanto a presença masculina traz a ideia de força nas vaquejadas, a mulher, no contrário, traz a ideia de fraqueza, por ainda ser considerada “sexo frágil” perante a sociedade.

Na vaquejada, a mulher é constantemente associada à figura da fêmea e o homem à figura do macho. Cavalos, boi e vaqueiro tornam-se símbolo de virilidade, força e potência, enquanto a vaca, a égua e a mulher simbolizam o oposto: fragilidade, fraqueza e dependência. O papel conferido à égua e à vaca resume-se unicamente à capacidade que esses animais possuem para parir (BARBOSA, 2006)

A principal ideia em jogo, parte de que a mulher ainda é submissa ao homem. Durante muito tempo, se teve na sociedade a visão de submissão, onde o homem se coloca superior à mulher. A ideia de uma criatura submissa ao homem veio desde os primeiros ensinamentos cristãos, utilizando dos conceitos da história bíblica de Adão e Eva, como mostra Ricoeur (2008) em seus estudos sobre o pecado original, explica o fato de Eva ter surgido da costela de Adão colocando perante a sociedade que a mulher nasceu para ser inferior diante do homem e estaria ainda mais próxima dos prazeres carnis, deixando de herança para todas as mulheres, a visão de pecadoras e próximas dos prazeres e sentidos humanos. Eram vistas, dessa maneira, porque todas descendiam da culpada pela decadência humana.

Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele.

(Gênesis 2; 22)

Deus proibiu Adão e Eva de comerem da Árvore do conhecimento do Bem e do Mal, porém a serpente convenceu Eva a prová-la. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher:

Serpente me enganou e eu comi. Então o Senhor disse a serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.

(Gênesis 3; 3, 13, 14-16)

Essa percepção social do homem e da mulher foi analisada a ponto de perder sua dimensão de coisa construída. A sociedade passou a identificar o que caberia ao homem ou a mulher. A partir do sexo biológico, nasce uma noção de masculino e feminino na qual o primeiro está sempre em vantagem em relação ao segundo, ou seja, como já foi dito anteriormente, surge a ideia de dominação entre o primeiro sexo, no caso o masculino, e o segundo sexo, o feminino. O que explica as teorias de Simone de Beauvoir (1949) em “segundo sexo”.

Desta forma, a sociedade vai associando ao homem e à mulher, segundo padrões culturais, as características a eles relacionadas o que de certa forma distingue o que pertence ou não pertence ao “masculino” e/ou ao “feminino” em seus papéis sociais e de gênero, seja pelo modo de vestir, falar ou de se comportar perante a sociedade. Essa caracterização de força, virilidade e vigor estarão ligadas diretamente a produção de subjetividades masculinas, onde, de maneira preconceituosa, coloca a vaquejada tipicamente como um esporte ou uma profissão para homens.

Para entender como são construídas as práticas do exercício da masculinidade pelos vaqueiros nas festas de vaquejada na contemporaneidade, se faz necessário entender, como já foi dito, sua caracterização como um homem de figura forte, viril, e ágil na profissão de vaqueiro. Como destaca Euclides da Cunha, a figura do vaqueiro sertanejo é sempre acompanhada da caracterização de homem forte e valente. O melhor conceito que se encaixa nessa afirmação do autor é de virilidade, onde se entende que virilidade é a figura de um homem másculo, energético, potente, esforçado, vigoroso ou corajoso, característica típica de um vaqueiro. Tais características se dão a partir de conceitos morais típicos da masculinidade.

A masculinidade se expressa como um mito efetivo da sociedade moderna (mais um enunciado que os caçadores de definição podem acrescentar às suas

listas), e penso aqui na ideia de mito tal como Durkheim a formulava, ou seja, uma projeção social que reflete as características cultivadas fundamentais da vida coletiva [...]. (OLIVEIRA, 2004)

Partindo da ideia posta como a vaquejada sendo um esporte masculino, em conversa com o vaqueiro Ericles, residente da cidade de Esperança/PB, pergunto qual a relação e a diferenciação entre o Homem e a Mulher na vaquejada. Ericles logo responde a força como a principal diferença, citando que o esporte exige de certa habilidade e força que a mulher não consegue ter. O mesmo informa que conhece e que já correu com algumas mulheres, e quando pergunto se ele deixaria alguma delas montar em seu cavalo, ele diz que sim, mas o mesmo não acontece se ele tiver que emprestar o seu cavalo para algum homem. Ele justifica:

não, outro vaqueiro não, ai -- porque é o seguinte, quem tem seu cavalo só quer montar - só deixa montar se for a pessoa mesmo. Porque se eu der a outra pessoa, ele já vai correr diferente do meu cavalo. Quando eu for correr o cavalo já vai ta diferente pra mim.

Foi perguntado ao Vaqueiro Ericles qual seria a diferença de um outro vaqueiro homem correr no seu cavalo, mas não deixaria uma mulher. E ele responde:

porque assim - se eu deixar um vaqueiro ele vai querer fazer do jeito dele. E a mulher se eu disser a ela como é pra fazer ela vai fazer do jeito que eu to dizendo. Ela vai fazer do jeito que eu mandar.

No discurso de Ericles, nota-se a relação de domínio que o homem tem em comparação a mulher. No caso da vaquejada, mesmo a mulher fazendo parte do esporte e tendo direitos as mesmas regras e costumes, ainda é vista de forma preconceituosa e como o mesmo aponta, ainda está presa aos hábitos de uma sociedade machista em que implica em determinar o que a mulher deve ou não fazer.

Durante muito tempo, a competição de vaquejada diferenciava para as vaqueiras a categorias infantil como competição. Ou seja, as mulheres que iriam montar não competiam diretamente com os homens das outras categorias. Elas tinham de competir entre elas, ou até mesmo, com crianças de até 15 anos. Com o tempo, na medida que foi crescendo o número de mulheres na competição, essa “regra” foi quebrada, permitindo que as vaqueiras competissem diretamente com os outros vaqueiros e até formassem duplas com eles, seja como bate esteira

ou puxador.²⁰

A mulher como vaqueira é pouco comum porque precisa lidar cuidando e/ou fugindo do boi de acordo com as narrativas míticas que sustentam o enredo da vaquejada. Para os vaqueiros, a vaquejada é um esporte que está relacionado com força e resistência inerente ao ser masculino, desempenhado adequadamente por homens e não por mulheres, as quais devem ser protegidas de trabalhos pesados e simultaneamente da responsabilidade de cuidar e proteger o gado.

Alisson, Vaqueiro profissional e patrocinador particular, descreve que a vaquejada hoje pode ser considerada um esporte tipicamente para homens. Alegando que, geralmente, o boi na qual é derrubado na arena pesa em média 150kg, e o vaqueiro, além de fazer a derrubada com uma única mão, divide a força na condução do cavalo, tentando controlar a força do cavalo ao mesmo tempo que puxa o boi para derrubá-lo. Danilo continua:

Existe muitas mulheres vaqueiras, mas particularmente, acho que o homem consegue trabalhar melhor com a força e com o animal do que a mulher. A mulher acaba por ser mais delicada. Não tem controle do animal. E muitas vezes ela faz o que um vaqueiro homem manda.

Helena²¹, 29 anos, mãe solteira, tem a vaquejada como seu segundo lar. Em conversa com ela, Helena se coloca com uma mulher diferente dos padrões que a sociedade insiste em coloca-la. Ela diz que muitas vezes sofre preconceitos por parte dos vaqueiros e até sente maior dificuldade para conseguir patrocínio. Entretanto, está longe de se sentir uma mulher fraca e de sexo frágil. De família com tradições na vaquejada, Maria Helena cresceu acompanhando seu pai em festas de vaquejada e a sua mãe vendendo ingressos e lanches nas barracas dos grandes parques, mas nunca pensou que um dia poderia se tornar uma vaqueira de prestígio com grandes títulos. Descreve que já ganhou vários prêmios, e um deles é o mais importante de todos, o cavalo no qual é seu fiel companheiro.

²⁰ Informação tirada do site portaldavaquejada.com.br onde além dessa informação, é possível encontrar trajetórias da história da vaquejada desde o início até os dias de hoje, incluindo, também, as mudanças já ocorridas com a ABVAQ.

²¹ Cresceu em meio aos eventos de vaquejada. Seu pai era caseiro de uma fazenda e sua mãe vendia lanche durante os eventos. Zootecnica, mãe solteira, 29 anos, enfrenta o preconceito da sociedade tanto na profissão, por ser uma profissão estereotipada como masculina, quanto na sua vida pessoal, por ser mãe solteira. Embora se considere campeã e vaqueira conceituada, admite que a vida da mulher na vaquejada não é vista com bons olhos.

Não foi fácil chegar até aqui – recebi muito não de patrocinador. Até meu pai não me apoiava dizendo que lugar de mulher na vaquejada não era montada num cavalo, e sim na arquibancada ou nas letras de música como musa inspiradora. Apesar da sociedade ser mais moderna que antigamente, não é fácil pra mulher escolher uma profissão ou um esporte que por muito tempo foi considerado como um esporte exclusivo para homens -- uma sociedade completamente machista.

Poline²² relata uma trajetória um pouco diferente da de Helena. Filha de dono de Haras, cresceu sob os cuidados dos seus cavalos e tinha em seu pai o maior incentivo pela montaria e pela corrida em vaquejada. Poline diz que não sentiu tanta dificuldade em buscar patrocínio, uma vez que seu pai estava sempre a frente nesses assuntos. Mas, como mulher, sempre escutou comentários preconceituosos e enfrentou vaqueiros machistas que recusava formar dupla com ela. “Fazer parte dessa história apenas como a morena que o vaqueiro campeão dedica o seu troféu no final da noite é bem mais fácil”, diz Poline quando pergunto sobre as dificuldades que ela já enfrentou pra ser hoje considerada uma grande vaqueira.

Durante muito tempo, e pode-se dizer que até os dias de hoje, a mulher é tida como musa inspiradora de diversos poemas e músicas. “A saga de um vaqueiro”²³, Composição da cantora Rita de Cassia, narra a história de um vaqueiro que se apaixonou pela filha de um fazendeiro e que vive um amor proibido. A paixão do casal é interrompida quando os pais da moça não aceitam o romance e impede o casal de viver essa história. O vaqueiro sai da sua região e depois de anos volta conceituado um grande vaqueiro, enfrentando seu maior opositor que descobre mais na frente, ser, na verdade, o seu filho. A música ganha um tom de forte emoção quando Rita de Cássia descreve os antigos cenários das pegadas de bois e das corridas de mourão²⁴, onde o romantismo estava sempre presente dessas festas e histórias, os quais sempre enfrentavam grandes desafios sobre a ordem social estabelecida.

A ideia da mulher com mera “figurante” nas festas de vaquejada ainda está bem presente nas músicas do sertanejo universitário ou forró eletrônico, como citado no tópico anterior, onde as composições sempre remetem o vaqueiro como Homem valente e ganhão que tem como premiação uma mulher bonita que estava nas arquibancadas das festas a prestigiar a virilidade do vaqueiro.

²² Estudante de administração pela Universidade Federal de Campina Grande. 19 anos. Filha de fazendeiro.

²³ CASSIA, Rita de; interprete: Mastruz com Leite; A Saga de um Vaqueiro. In: Só pra xamegar, 2004. 1CD. Faixa 1.

²⁴ Corrida de Mourão é o que designou a vaquejada. Trata-se das corridas de pega de boi no mato. Sem regras, sem fins lucrativos. Era onde os peões desfilavam suas habilidades para mostrar competência para seus patrões.

A participação das mulheres nessa nova indústria vem crescendo consideravelmente. Seja como competidoras ou vaqueiras, seja também como fotografas, bilheteiras, a moça do lanche, a zootécnica, a veterinária, ou até mesmo aquela dupla sertaneja que fecha com grande prestígio os grandes eventos de vaquejada. De fato, as mulheres vêm ganhando espaços cada vez maiores na sociedade, como também, nesse esporte tido como masculino. Embora, o número de mulheres vaqueiras ainda seja uma minoria considerável nos haras e parques, vale destacar que cada vez mais elas vêm destacando nesses eventos, onde muitas vezes, passam despercebidas.

1.2- Nossa Senhora Aparecida: A devoção por uma mulher

Além de musa inspiradora nas cantigas de vaquejada, na indústria musical dos novos ritmos de forró e sertanejo, colocando a mulher como “objeto de conquistas” para os vaqueiros que exibem nas competições além de sua força com os animais, sua virilidade e masculinidade nas conquistas de arquiabancada, a mulher também é tida como figura de mãe e protetora, tanto nas festas de vaquejadas quanto na vida pessoal dos vaqueiros. Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, também é considerada protetora de todos os vaqueiros brasileiros dentro e fora das arenas.

A imagem da mulher como santa está associada a Virgem Maria, mãe de Jesus. O concílio de Éfeso (431), defende a maternidade de Maria como obra divina e milagrosa, e a reconheceu como Intercessora junto a Cristo. Dessa forma, desde os primeiros tempos do Cristianismo, A Santa Maria é considerada pelos seus fiéis como Advogada, Mãe, Defensora e Protetora.

Nessa concepção surge a imagem de Nossa Senhora Aparecida, consagrada como Rainha e padroeira do Brasil pelo Papa Pio XI em 16 de julho de 1930. A Lei Federal nº 6.802 (1980) decreta oficialmente o dia 12 de outubro como feriado nacional, dia de devoção à santa. Esta Lei Federal também reconhece Maria como sendo a protetora do Brasil.²⁵ Para os vaqueiros, essa data simboliza uma importante festa cultural e religiosa. É a cavalgada Nossa

²⁵ JORGE, Fred. **Aparições e Milagres: Nossa Senhora Aparecida**. São Paulo, 1954.

Senhora Aparecida. Um evento que conta com a participação de centenas de vaqueiros de toda a região, onde com seus cavalos saem em cavalgada pelas ruas da cidade.

Em 2011, a cidade de Campina Grande foi palco da segunda Cavalgada Nossa Senhora Aparecida. Cerca de 400 vaqueiros de 15 cidades circunvizinhas do compartimento da Borborema saíram em cavalgada pelas principais ruas de Campina Grande, homenageando a Santa e os vaqueiros pela sua devoção.²⁶

As diferentes manifestações religiosas, envolvendo a devoção aos santos é um costume antigo quem vem desde as primeiras práticas do cristianismo e, posteriormente, o catolicismo. Desde o seu processo, o cristianismo é considerado uma religião híbrida, ou seja, como mostra Peter Burke (2004), resume-se a contatos e encontros culturais diversos que atingem diferentes povos. Nesse sentido, entende-se como religiosidade católica todas as manifestações que envolvem crenças e costumes ligado ao cristianismo, como o culto os santos, que muitas vezes não são reconhecidos pela igreja, mas fazem parte de uma particularidade do seu povo, ou como afirma Burke (2004), particularidade do hibridismo cultural.

A maior expressão de religiosidade no catolicismo se dar pelo culto aos santos, sejam eles reconhecidos pela igreja ou não. É uma forma de transmitir o sentido de fé cristã para alguém na divindade que tem o poder de realizar milagres, segundo a tradição cristã. De acordo com Serge Moscovici (1990), esse cultuamento existe porque antes de se tornarem santos, eram homens com fraquezas, sofrimentos e imperfeições. Distanciando da figura de Deus, grandioso e todo poderoso, era mais fácil encontrar um intermediador para depositar suas dores. Para o autor, e seguindo também as crenças religiosas, os santos são receptores das dificuldades cotidianas: doença, fome, problemas e entre outros. Assim, o fiel estabelece uma relação de devoção em busca de graça ou benefício, para justificar a sua fé.

Dessa forma, entende-se o cultuamento aos santos uma representação social, como mostra Chatier (2005), em que determinado grupo se depara com a realidade social, definindo estratégias de sobrevivência a partir das necessidades dos problemas. Assim, por meio de rituais ou depositando sua fé, os santos se tornam capazes de restaurar a ordem daquilo que é interpretado como desordenado por intermédio de um milagre.

Nesse caminho, a imagem de Nossa Senhora Aparecida surge associada a Rainha e

²⁶ Jornal da Paraíba – Campina Grande 13/10/2011 – nº 1

protetora do Brasil. Suas aparições e milagres já registrado na igreja católica, coloca a santa em posição dos fracos e oprimidos, protegendo-os e concedendo-os graças. Para os vaqueiros, esse cultuamento não é diferente. A santa é conhecida como protetora dos vaqueiros dentro e fora das arenas, por proteger dos perigos expostos diariamente, e concedendo a graça delutar contra a força do animal durante o oficiou da profissão.

Carlos²⁷, vaqueiro desde criança e membro do clube dos vaqueiros da cidade de Esperança, vem de família católica e conta sobre sua devoção e de toda sua família a Nossa Senhora Aparecida. Carlos fala que sempre se apega em orações para a santa, dizendo que é Ela quem lhe concede saúde e força para vencer as dificuldades do dia a dia, e antes de entrar nas arenas para competir nas vaquejadas, faz uma oração particular para a santa pedindo força para vencer o boi que vai enfrentar, e principalmente, para não cair do cavalo durante as corridas. Carlos, 51 anos, diz:

Quando vou participar de uma disputa, sempre me pego a ela. Acendo uma vela, faço uma oração. Eu e minha família. Até hoje nunca me machuquei, porque sei que ela me protege. Devo muito a intercessão de nossa Senhora Aparecida. Que sempre traz muitas graças para mim e para minha família, como para muitos outros vaqueiros que tem fé Nela.

Na maioria dos eventos de vaquejadas, antes da derrubada do boi, existe uma homenagem a Nossa Senhora Aparecida por parte dos vaqueiros. Com seus cavalos, todos os participantes se colocam no centro da Arena com Imagem da Santa nas mãos, onde o locutor faz uma oração pedindo intercessão aos vaqueiros que vão competir. Todos os vaqueiros da competição participam dessa homenagem, apresentando a Imagem da Santa como devoção e cantando o Hino Católico de Nossa Senhora Aparecida. Esse ritual já é tradição na maioria das festas de vaquejada no estado da Paraíba.

Dessa forma, podemos identificar como a figura da mulher na imagem de uma Santa consegue ser tão poderosa entre os vaqueiros. É Ela, segundo suas crenças e tradições, que intercede nas competições protegendo de todo mal e fortalecendo as suas habilidades. De um lado, como já foi mostrado, existe a imagem de uma mulher sinônimo de fragilidade e fraqueza na percepção da masculinidade do vaqueiro, a ideia da mulher como competidora, como vaqueira. Do outro lado, a imagem de uma mulher Santa e poderosa, capaz de proteger todos

²⁷ Morador da cidade de Esperança. Membro do clube dos vaqueiros. Açougueiro, 51 anos, casado e pai de dois filhos.

os vaqueiros e transmitir força através da fé.

1.3- Reflexões acerca das relações entre História, Sociedade e Natureza.

Na sociedade moderna e industrializada, o aumento da interferência humana sobre os ecossistemas tem provocado alterações significativas na dinâmica do equilíbrio ecológico. As ações antrópicas degradando os ambientes naturais têm sido objeto de amplas e sistemáticas reflexões, principalmente por parte de uma considerável comunidade científica internacional ligada aos estudos interdisciplinares. A literatura científica ligada às questões das relações Sociedade e Natureza tem mostrado que ações humanas intensivas passaram a transformar, em escala crescente, uma Natureza então impactada mais lentamente em um Ambiente rapidamente modificado, degradado, comprometido por atividades de exploração constantes e intensivas de recursos naturais (MORRIN & KERN, 1995,2003; SACHS, 2009; LEFF, 1999, 2006, 2009).

Ao longo da trajetória humana no planeta, sempre esteve presente a forte relação de controle e dominação dos humanos sobre os animais, principalmente a partir da domesticação de certas espécies. Alguns estudos no campo da história ambiental procura esclarecer como elementos das relações entre determinadas culturas e os animais (domesticados ou não) foram sendo construídas historicamente e acabaram influenciando na nossa concepção de mundo e de natureza.

No Ocidente, o tema do tratamento dispensado aos animais mereceu trabalhos já clássicos elaborados por historiadores ingleses, como Keith Thomas e Edward Palmer Thompson. Em seu *O Homem e o Mundo Natural*, Thomas (2009) investigou as atitudes e posturas intelectuais inglesas em relação aos animais e às plantas entre os séculos XVI e XIX. Por sua vez, em seu livro *Senhores e Caçadores*, Thompson (1989) estudou as relações entre natureza, história social e hábitos de caça na transição das lutas pela propriedade da terra e seus recursos naturais na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX.

Mais recentemente, discutindo a necessidade de se reorientar as relações entre os homens e os outros animais, o filósofo e ativista australiano Peter Singer (2000) passou a escrever sobre a necessidade de minimizar o sofrimento dos bichos, garantindo-lhes direitos de existência independente e libertando-lhes de uma escravização domesticadora. Uma extensão da trajetória histórica de submissão dos animais é que o que Singer chama de “especismo”,

preconceito arraigado contra aqueles que não são membros da nossa espécie. Este tipo de visão moral parece vir da filosofia utilitária desenvolvida por filósofos ingleses como Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806- 1873), ambos no século XIX: causar o mínimo de dor aos homens e aos animais.

Diferentes culturas se relacionam com a natureza explorando ou não determinados recursos presentes em seu espaço, segundo sua concepção de mundo e esquemas de significação sócio-históricos. Compreender a história do pensamento sobre a natureza, pela sociedade contemporânea, e a variedade de usos que dela foram feitos, ao longo do tempo, é uma tarefa um tanto instigante, porém, não menos complexa. As ações humanas (trans)formaram o meio ambiente e se utilizaram de seus recursos; por trás dessas práticas e do tratamento que os seres humanos deram aos animais, estava a maneira como eles pensavam e imaginavam a natureza.

O modo predominante de pensar sobre o mundo originou-se na Europa. Nossa concepção da relação entre sociedades e naturezas originou-se das tradições clássicas, das idéias herdadas dos cristianismos e das concepções científicas a respeito dos homens e das demais espécies. A natureza não era percebida como sagrada e o homem deveria subjugar-la: cresceria, multiplicar-se-ia e povoaria a Terra e dominá-la-ia²⁸. Assim, só as três dezenas de cópias da Bíblia produzidas por Johannes Gutemberg (1398-1468) e impressas em pergaminho, no ano de 1456, precisaram, para serem impressas, do couro de aproximadamente cinco mil bezerras²⁹. Como observou Keith Thomas, na Inglaterra este processo se intensificou ao extremo, com o embalo do desenvolvimento dos jogos de trocas que precederam o Capitalismo. Neste sentido, desenvolveu-se uma cultura arraigada de caça e pesca nos tradicionais hábitos senhoriais europeus, amparada em uma justificativa teológico- filosófico-religiosa que inocentava os homens de qualquer responsabilidade pretensamente assassina pela matança dos animais. A superioridade humana far-se-ia inquestionável. Em justas, touradas e outros ritos festivos baseados em tortura e maus tratos a animais, as multidões demonstravam um certo prazer em assistir a grandes espetáculos de sangue em que animais eram mortos em condições de sofrimento. Os animais existiriam para o bem-estar humano, teriam sido criados para servi-lo. Os argumentos utilizados para justificar tal raciocínio partiam da tradição religiosa judaico-cristã, das ciências naturais, dos imperativos de produção, lucro e nutrição. Nossa sociedade,

²⁸ PONTING, Clive. *Uma história verde do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

²⁹ CURT F. BUHLER, *The fifteenth-century book* (Filadélfia, 1960), PP. 41-2. Apud. THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500- 1800)*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

herdeira dessas tradições. Elas alimentam práticas discursivas e não discursivas diversas, textos acadêmicos, discursos jornalísticos, e legislações variadas que guardam afinidade com as concepções ontológicas a que nos referimos.

O fato é que a forte e constante interferência humana vem degradando os ecossistemas e comprometendo sua estabilidade ecológica, fato ainda mais intensificado depois do advento da revolução industrial. Alguns estudos de História Ambiental, cuja característica mais importante talvez seja o diálogo com as chamadas Ciências Naturais, apresentam dados que comprovam essa linha de raciocínio:

Durante os últimos 10.000 mil anos, as atividades humanas causaram mudanças importantes nos ecossistemas mundiais. A expansão universal das colonizações e a criação de campos para pastos e para a agricultura, o desmatamento contínuo das florestas e de outras regiões silvestres e a drenagem dos pântanos reduziram continuamente os habitats de quase todas as espécies de animais e plantas. A caça deliberada de animais para a alimentação, por suas peles e outros produtos (e em muitos casos, só pelo ‘esporte’) e a coleta de plantas reduziram drasticamente o número de muitas espécies. (PONTING, 1995)

Dessa forma, percebe-se que a humanidade passou a modificar intensamente o ambiente natural, moldando-o às suas necessidades e interesses, partindo, principalmente, por caráter econômico. A ocupação e a exploração de praticamente todas as áreas do planeta vem se tornando cada vez mais possível em função dos aparatos científicos e tecnológicos desenvolvidos e colocados a serviço da humanidade. Resultando que os impactos negativos sobre Ambiente passaram a crescer ao longo do tempo alcançando os mais distantes rincões do planeta e comprometendo a estabilidade de ecossistemas que levaram milhares de anos para se constituírem.

Para Lovelock (2006), o descontrolado avanço humano sobre os recursos naturais e a degradação dos ecossistemas em escala global tornou imperativa a preocupação com os destinos do planeta. Reconhecem-se hoje, sem grandes controvérsias, que o ser humano e Ambiente são partes constituintes de um processo que evoluíram juntos pelo menos nos últimos cinco milhões de anos. Disso resulta que o ser humano e o planeta são partes constituintes de um processo evolutivo e histórico em que foram se moldando mutuamente até o estágio bio-físico-químico atual. Contudo, o distanciamento do ser humano para com a Natureza e o aumento de sua capacidade de exploração dos recursos ambientais fragilizou o equilíbrio existente entre Sociedade e Natureza. O resultado desse desequilíbrio pode ser constatado em estudos

recentes³⁰ que apontam a contínua diminuição da biodiversidade nos oceanos, ameaçando o bem-estar e até a sobrevivência humana.

Problemas atuais sobre os quais, segundo Morin (1995), a humanidade precisa buscar a entender a partir de um novo modo de se inserir na realidade; a humanidade necessita de uma nova racionalidade para lidar com as novas questões que a crise ambiental hoje nos impõe:

Precisamos abandonar os dois mitos maiores do Ocidente moderno: a conquista da natureza-objeto pelo homem sujeito do universo, o falso infinito para o qual se lançavam o crescimento industrial, o desenvolvimento, o progresso. Precisamos abandonar as racionalidades parciais e fechadas, as racionalidades abstratas e delirantes que consideram como irracional toda crítica racional dirigida a ela. (MORIN, 1995)

Pesquisas recentes que abordam a atual interferência humana nos ecossistemas do mundo inteiro apresentam números preocupantes quanto ao desaparecimento de plantas e animais, quanto à perda de biodiversidade em ritmo intenso e em praticamente todo o planeta, principalmente a partir da expansão econômica e cultural da Europa Ocidental na era moderna (CROSBY, 2004). Com isso, teóricos preocupados com o bem-estar geral das espécies humanas e da natureza, vêm alertando para a necessidade de se tornar mais proporcional a relação homem-natureza, pois é cada vez mais elevado o risco de desgastes ecológicos, evidenciando o fato de que o ecossistema global suporta cada vez menos as mudanças bruscas da humanidade. A defesa dos direitos dos animais e o combate a antigas tradições como a farra do boi, as touradas, as brigas de galo, as vaquejadas, etc, se inserem neste contexto.

1.4- O mau-trato animal

Com base em pesquisas documentais e bibliográficas, e dos registros orais, percebemos um conhecimento mais fundamentado sobre a questão ambiental. A cada dia,

³⁰ Estudo coordenado pelo cientista Boris Worm da Dalhousie University, Canadá, publicado em novembro de 2006 pela revista americana *Science*, com o título “Biodiversity Loss in the Ocean: How Bad Is It?”, divulgado em todo o mundo científico concluiu que a diminuição da diversidade marinha, constatada nas últimas décadas, aumentou o desaparecimento de recursos disponíveis e diminuiu de forma exponencial o potencial de recuperação, de estabilidade ecossistêmica e comprometeu a qualidade da água nas áreas oceânicas estudadas. Os cientistas que fizeram parte da equipe alertaram, ainda, para o fato de que as alterações na biodiversidade marinha são causadas diretamente pela exploração, poluição e destruição de *habitats* e, indiretamente, por perturbações relacionadas com alterações climáticas.

pesquisas históricas focalizam relações entre as sociedades e o ambiente. E são diversos exemplos: Relações dos homens com animais domésticos e selvagens; história de florestas, rios, paisagens e interferências no meio ambiente; as relações entre as cidades e a natureza; os resultados da ação de diferentes sociedades na transformação, sobrevivência ou destruição dos seres vivos.

No decorrer das leituras propostas, percebem-se as diferentes formas de relação entre o homem e o animal. Como mostra Keith Thomas (2010), ao estudar novas sensibilidades que emergiram na Inglaterra do início do período moderno em relação aos animais, às plantas e à paisagem, sobretudo a partir do século XVIII, observou que se estabeleceram estreitas relações entre os homens e os animais domésticos naquele momento muito maiores do que pretendiam o cristianismo, que pregavam a separação entre homem e natureza. Thomas mostra que na Inglaterra, era defendido a ideia de que os animais existiam para trabalhar e servir de alimento para a espécie humana. Porém, as experiências dos humanos com os bichos não se restringiam somente a isto. Eles fizeram parte do cotidiano e da trajetória humana no planeta assumindo múltiplos significados, atitudes e percepções que lhes foram atribuídos pela sociedade ao longo do tempo.

Discutindo a necessidade de se reorientar as relações entre os homens e os outros animais, o filósofo e ativista australiano Peter Singer (2009) passou a escrever sobre a necessidade de minimizar o sofrimento dos animais, garantindo-lhes direitos de existência independente e libertando-lhes de uma escravização domesticadora. Uma extensão da trajetória histórica de submissão dos animais é que o que Singer chama de “especismo”, preconceito arraigado contra aqueles que não são membros da nossa espécie. Seguindo a percepção sugerida pelo autor, os olhares que se lançam para analisar as relações entre os homens e os animais devem se afastar de certa ética de superioridade e dominação humana, inspirada num sentido religioso de que os animais existiriam para o usufruto dos homens, seja para ajudá-los em sua labuta ou para refestelá-los em sua alimentação.

Em se tratar da vaquejada, entende-se essa prática como uma perseguição e emparelhamento de um boi por vaqueiros montados a cavalo, com o objetivo de derrubá-lo, puxando-o pela cauda. A pontuação de cada dupla é confirmada quando se verifica que o boi caiu em uma área previamente demarcada com linhas de cal, bem como se, no momento da queda, permaneceu por alguns instantes com as quatro patas para o alto. Através dessa simples descrição, segundo o RJLB, Ano 1 (2015), nº 1 | 769, diante da evidente possibilidade de

fraturas, hematomas e escoriações que o animal pode vir a sofrer, é caracterizado como crueldade.

Outro ato característico de crueldade para com o animal é o fato da derrubada do boi ser pela cauda, onde existem relatos de fraturas extensas durante a derrubada em que o animal perde por completo a sua cauda. Como explica a veterinária Leticia Bezerra de Luna Lins³¹, onde mostra que o rabo do animal é composto em sua estrutura óssea, de uma sequência de vértebras, que se articulam umas com as outras, não sendo rara, no gesto brusco de tracionar violentamente o rabo, a luxação das vértebras, ou seja, a perda da condição anatômica de contato de uma com a outra, assim, existe a ruptura de ligamentos de vasos sanguíneos, estabelecendo-se, portanto, lesões traumáticas. Informando que assim, não é raro o desligamento da cauda com o tronco do animal e que por muitas vezes acaba prejudicando o funcionamento da coluna vertebral.

Diante de vários movimentos de Ongs em defesa dos maus-tratos ao animal na pratica da vaquejada, foram criadas regras e novos regulamentos segundo a ABVAQ para a derrubada do boi. Como é explicado pelos vaqueiros do clube dos vaqueiros, quando indago essa questão de mau-trato. Pergunto a Lucas, vaqueiro desde criança, sobre como funcionava a regra da ABVAQ ou o questionamento sobre os maus-tratos sofrido pelo animal, ele responde:

foi criada um regra chamada ABVAQ que ela determina contra os maus- tratos dos animais, no caso já está sendo usado rabo artificial pra evitar a queda da cauda do boi. E esporas não podem ser cortantes, não pode usar chicotes, não pode bater no animal a não ser quando ele tiver em trabalho e isso é durante a carreira, depois da carreira e do boi julgado ou “valeu” ou “zero” você não pode mais chicotear o animal nem açoitar.

Faz-se necessário entender também o comportamento do bovino preso na esteira momentos antes da abertura da porteira para o pátio de vaquejada. O fato do animal está confinado já o condiciona ao sofrimento, porém, para torná-lo mais rápido no momento da fuga há relatos de choques elétricos aplicados aos animais, com o escopo de excitá-los e, com isso, provocar a sua fuga, possibilitando o emparelhamento e derrubada pelos vaqueiros. Questionados sobre tais costumes e sobre as conhecidas vitaminas aplicadas aos animais para dar força e agilidade, Roberto, fundador do clube dos vaqueiros, responde:

³¹ Veterinária na cidade de Esperança/PB

O que existe são suplementos que no caso, alguma vitamina que você dá ao cavalo que é pra ele repor as energias. Porque tem cavalos que sai de uma vaquejada e já sai direto pra outra, então não vai nem no haras, não vai em nada. Já entra no caminhão e vai direto pra outra vaquejada, ai tem que está a base de vitaminas.

Pergunto a Leticia sobre as vitaminas citados por Roberto, a veterinária explica que essas vitaminas funcionam como um energético para o cavalo. Não deixando que o cavalo fique cansado e nem perca a força. É uma vitamina, que em resumo, vai deixar o animal acordado e elétrico para aguentar a rotina de uma vaquejada para a outra sem ter ao menos o descanso necessário para o animal. A zootecnista Wanessa Morais³², 24 anos, em comentário sobre as vitaminas que os vaqueiros costumam dar aos cavalos ou aos bois antes das vaquejadas, explica que as vitaminas também são dados aos bois para fazer com que essa agitação permita que eles corram dentro da arena no momento que abrem as porteiras, antes do emparelhamento da dupla de vaqueiros.

O que se percebe, de fato, é a existência da forte influência do homem sobre o animal, que embora o cavalo seja tido pelo vaqueiro como um membro ou um amigo, em se tratar da disputa na vaquejada não passa de um automóvel para o seu dono e que precisa está “equipado” e preparado para correr, não importando, de certa forma, com o seu bem estar. Trata-se de uma relação entre homem e animal baseada em uma certa ética de superioridade e dominação do primeiro sobre o segundo, em conformidade com a concepção, já referida, inspirada no sentido religioso de que os animais existiriam tão somente para usufruto do homem. Os animais aqui descritos, assim, dissociados da sua função na natureza, são submetidos aos atos cruéis, tudo com o escopo máximo de divertir as pessoas e gerar lucro.

³² Zootecnista na Fazenda de Roberto, fundador do clube de vaqueiros, moradora da cidade de Campina Grande

CAPITULO II

O Comércio Da Vaquejada: História De Vida E Trajetória

A profissão de vaqueiro pode ser considerada como umas das mais antigas do país por se tratar de uma relação étnica - fruto dos primeiros colonizadores brancos do Brasil com os índios - no período da inserção e criação de gado nos sertões do País. O ofício, como já apresentado outras vezes, consiste em cuidar do gado e de outras funções relacionado ao dia a dia de uma fazenda, haras ou sítio, tais como buscar alimentos e água entre pastos, caatinga e pastoreio, marcar o gado com ferro para possibilitar o reconhecimento do animal em caso de fuga, e entre outros. Para facilitar a locomoção, o vaqueiro sempre utiliza de cavalos, visto que, na maioria das vezes, há uma grande quantidade de gado para vigiar. Ainda se vê atualmente a caracterização do vaqueiro com chapéu de couro, fivela de ouro e bota de bico estreito, como descrito na letra da música “*Falta um boi vaqueiro no meio dessa boiada*”. Uma das principais características do homem do gado é o aboio: uma espécie de cantiga que conduz os animais e serve de guia quando algum companheiro de trabalho se perde na mata. Entretanto, nos dias atuais, as atividades realizadas na profissão de vaqueiro vão mais além, uma vez que existe uma indústria comercial em torno dessa figura tão marcante para essa atividade reconhecida como cultural.

A função do vaqueiro na atualidade não se difere muito do vaqueiro sertanejo de antigamente, porém é possível citar algumas consideráveis mudanças entre esses dois momentos. Como a vaquejada se tornou uma importante fonte de emprego para a vida no sertão, essas mudanças começam próprio vaqueiro. Se por um lado encontra-se o típico vaqueiro das fazendas destinado a cuidar e aparar o gado, por outro lado encontra-se um vaqueiro destinado a correr nas vaquejadas, competindo e ganhando milionários prêmios para si e seu patrão, que por muitas vezes vem a ser o dono do cavalo e “aluga” a habilidade desses homens sertanejos para a conquista desses prêmios.

Dessa forma, para entender como são construídas as práticas no exercício da masculinidade pelos vaqueiros nas festas de vaquejada da contemporaneidade, se faz necessário entender a construção de sua caracterização como um homem de figura forte, viril, e ágil na sua profissão.

Entende-se como profissão a capacidade que um indivíduo possui em exercer alguma função ou trabalho em determinada área na sociedade. O mesmo acontece no exercício do vaqueiro, que embora não compreendido por muitos, existe a comercialização dessa prática que

vai muito além da competição em parques de vaquejadas. Segundo Hualde (2000), a primeira questão a ser enfrentada pela sociologia das profissões é a definição do conceito de profissão. Conforme o autor,

Os autores que têm se ocupado nas últimas décadas com a sociologia das profissões têm um traço em comum. Normalmente iniciam seu trabalho revisando a bibliografia anterior para discutir seja o conceito de profissão, seja o de profissionalização. Esta recorrência é sintomática do precário consenso que existe sobre o que são as profissões nas sociedades contemporâneas. As referências comuns às características das profissões, que não são privativas dos estudiosos das mesmas (educação superior, conhecimento formal, prestígio e influência social, serem atividades privativas das classes médias), são objeto de discussão, pois trata-se de esquadrihar mais a fundo o significado de tais referências e a hierarquia que ocupam na definição da profissão (HUALDE, 2000)

Partindo de outro conceito, Becker (1970) ressalta o quanto a discussão sobre as profissões é antiga. Através do conceito apontado por Flexner em 1915, o autor afirma:

Flexner estabeleceu seis critérios para distinguir as profissões de outros tipos de trabalho (muitos destes critérios são recorrentes em diversas permutações em definições posteriores). De seu ponto de vista, a atividade profissional era basicamente intelectual, trazendo consigo grande responsabilidade pessoal; era aprendida, baseando-se em grande conhecimento e não apenas rotina; era prática, mais do que acadêmica ou teórica; sua técnica podia ser ensinada, sendo isto a base da educação profissional; era fortemente organizada internamente; e era motivada pelo altruísmo, com os profissionais vendo-se a si mesmos como trabalhando de alguma forma pelo bem da sociedade (FLEXNER, 1915, apud BECKER, 1970).

Assim, entende-se que a definição de profissão em alguma característica inerente à atividade em si, mas na capacidade do grupo de praticantes em estabelecer-se como profissionais frente à sociedade em geral. O conhecimento especializado é o argumento utilizado para justificar o monopólio dos profissionais sobre determinadas áreas de atuação. Procurando se afastar de todos aqueles que não fazem parte do grupo reconhecido como legítimo. Os que conseguem ingressar na sua “determinada” profissão formariam uma comunidade dentro da sociedade mais ampla.

Podemos destacar dois tipos de vaqueiro para a profissão: o vaqueiro batedor de esteira e o vaqueiro puxador. Ambos desempenham funções importantes, entretanto distintas. O vaqueiro batedor tem a função de *tanger* o boi para perto do derrubador no momento da

disparada dos animais, pegando o rabo do boi e imediatamente passando para o colega, empurrando o boi, com as pernas do seu cavalo, para dentro da faixa, caso o ele tente levantar-se para fora. Já o puxador é o encarregado de *tanger* o boi para perto do derrubador no momento da disparada dos animais e pegar o rabo do boi e imediatamente passar para o colega, além de empurrar com as pernas do seu cavalo, o boi para dentro da faixa, caso o boi tente levantar-se fora dela.

Muito embora saibamos que ambos os tipos de vaqueiros desempenham outras funções como trabalho, utilizando da vaquejada apenas como um esporte, existem milhares de casos que além de cuidar do gado e da fazenda do seu patrão, o sertanejo aluga a sua habilidade tendo em vista a conquista de prêmios para si e para o dono do cavalo, o qual consegue uma premiação que chega a custar 40% dos prêmios conquistados para ser poderio.

2.1- A vaquejada como profissão e fonte de emprego

Com as transformações políticas e logísticas que se operaram ao longo do século XX como as primeiras linhas de trem, e mais tarde, estradas de rodagem que singraram as mais longínquas extensões de caatinga interior a melhoria dos transportes, veio gradativamente, a introdução dos mais variados implementos tecnológicos e, com eles, a melhoria do abastecimento e da capacidade de transportar animais a longa distância.

O comércio se impulsionou primeiro, com as movimentações do algodão e, mais tarde, com a dinamização das cidades. Na segunda metade do século XX, especialmente em suas duas últimas décadas após a abertura política que se seguiu ao fim do período da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), novas oligarquias políticas se sucederam disputando o poder no Estado. As vaquejadas passaram a ser associadas aos comícios políticos, denominados de Showmícios³³. Portanto, partindo desse pressuposto, cabe investigar a gênese deste processo, as características e origens do lucro que proporciona e seu investimento nas campanhas políticas subsequentes.

Diante das transformações nas relações de trabalho, de desemprego e da crescente massificação do entretenimento e do consumo, candidatos políticos se viam na obrigação de atrair os olhares das massas mais pobres da população para sua candidatura, fazendo a população se distanciar da dolorosa realidade que era a ditadura militar, atraindo-os a participar ativamente

³³ Showmício é um ato público onde um político ou um candidato a um cargo político expõe suas ideias aos eleitores, geralmente acompanhado por artistas musicais e prêmios para atrair ainda mais a atenção do público.

da nova forma política. Sendo assim, promovem verdadeiras festas livres em seus comícios, se transformando cada vez mais em "showmício", em que o entretenimento, incluindo a distribuição de valiosos prêmios, predomina amplamente. Vale lembrar que, recentemente, houve uma proibição dos showmícios segundo a resolução TSE no 23.191/2009, que dispõe sobre a propaganda eleitoral e as condutas vedadas em campanha eleitoral nas eleições de 2010.

§ 4o São proibidas a realização de showmício e de evento assemelhado para promoção de candidatos e a apresentação, remunerada ou não, de artistas com a finalidade de animar comício e reunião eleitoral (Lei no 9.504/97, art. 39, § 7o)”

Nesse sentido, as vaquejadas ganharam ainda mais destaque, passando de festa cultural para atrativo político, onde participantes e curiosos das mais distintas regiões vinham em busca da atração e, ainda participavam das campanhas eleitorais.

O gosto pela prática das vaquejadas e dos vaqueiros sempre estiveram presentes no contexto histórico da família Cunha Lima, começando por Ivandro Cunha Lima que proporcionava pequenos eventos ou centro de treinamentos para vaqueiros na fazenda da família, em Caiçara-PB. Costume mantido pelo seu filho, Ivandro Moura Cunha Lima Filho, na qual construiu um dos maiores parques de vaquejada da Paraíba, o Parque Haras Ivandro Cunha Lima. O parque, por diversas vezes, foi palco de discursos durante o mandato do ex- governador da Paraíba, Ronaldo Cunha Lima e do então seu filho, Cassio Cunha Lima, atual senador do Estado. Inicialmente, o parque surgiu na fazenda da família em Caiçara, sendo transferido para a alça sudoeste da cidade, implantado no centro de Campina Grande em 13 dedezembro de 1992. Atualmente, conta como casa de show coberta com capacidade para 18.000pessoas, numa área de 6.000 m², com elevadas e modernas condições e estruturas, onde já foi palco de grandes nomes da música brasileira.³⁴

Existe umconsiderável mercado por traz dos grandes espetáculos de vaquejadas, como o mercado das atrações musicais, patrocínios de grandes empresas e até mesmo o envolvimento políticos. São milhares de prêmios disponíveis para a competição e uma grande fortuna por traz de cada inscrição. Grandes fazendeiros e nomeados vaqueiros investem bastante nessa atividade tendo um retorno ainda maior, como mostra Lucas:

A renda de uma vaquejada é muito grande e é envolvida muitas famílias, de

³⁴ Parque Haras Ivandro Cunha Lima. **Parque Haras Ivandro Cunha Lima: História e sucesso.** Disponível em : <<http://www.parqueivandrocunhalima.com.br/telas/1>.> Acesso em 25 de abril de 2015.

um tratador até um vaqueiro, um patrão, um caseiro - gente que trabalha no curral. Muita gente depende de vaquejada, numa vaquejada geralmente, numa vaquejada de 150 mil, geram uma - uma renda assim pras famílias de, vamos supor, de empregos, numa faixa de 500/600 empregos.

Constata-se a festa da vaquejada tem o seu público, seus rituais e tradições, colocando o rural no urbano através desse grande espetáculo. Ela torna-se um evento apoiado em um forte marketing e, tornando-se uma atração turística para o município. Em 2013, os investimentos movimentaram cerca de 50 milhões de reais por ano, entre premiações, espetáculos e publicidade e envolviam 1.500 empregados diretos e 5 mil indiretos. Cada evento de vaquejada tem um investimento médio de 800 mil reais e um vaqueiro iniciante investe cerca de 10 mil reais para começar no ramo. Investimentos esses que aumentam gradativamente com o passar dos anos. Em 2017, com as vaquejadas nos principais parques do estado, esse número chegou a duplicar.

Em conversa com um empresário do ramo, na cidade de Esperança, Joelson, conhecido pela população como Joelson do Gado³⁵. Ele comenta sobre os investimentos que faz anualmente para o ramo da vaquejada. Joelson é empresário no ramo do gado, vendas de cabeça de gado para os açougueiros da região, assim, como, também negocia com a pele do animal exportando para outras regiões. Em conversa, ele explica que chega a fornecer centenas de cabeça de gado para os grandes eventos de vaquejada durante o ano. E com essa função, ele emprega atualmente na sua fazenda, em média, cinco famílias.

Considerando também o ramo do vaqueiro como profissão, vale lembrar que a profissão de vaqueiro é uma das mais antigas do país, priorizando seus antecedentes colonizadores brancos no Brasil com os índios, suas práticas e costumes, na inserção de gado nos sertões do país e o domínio e cuidado com os animais, buscando alimento e água entre pastos e caatinga, e levando para as fazendas, haras ou sítios. Marcar o gado com ferro também faz parte do ofício, reconhecendo-os para caso houvesse fuga dos animais soltos na mata. Uma das principais características do homem e do gado é o aboio, uma espécie de cantiga que conduz os animais, e serve de guia quando algum companheiro de trabalho se perde na mata. Nos dias atuais, a profissão de vaqueiro é muito mais do que isso, existe uma indústria comercial em volta dessa figura tão marcante, nessa atividade dita como cultural.

³⁵ Empresário na cidade de Esperança/PB.

Entende-se como profissão a capacidade que um indivíduo possui em exercer alguma função ou trabalho em determinada área na sociedade. O mesmo acontece no exercício do vaqueiro, que embora não compreendido por muitos, existe comercialização nessa prática que vai muito além da competição em parques de vaquejadas. Segundo Hualde (2000), a primeira questão a ser enfrentada pela sociologia das profissões é a definição do conceito de profissão:

Os autores que têm se ocupado nas últimas décadas com a sociologia das profissões têm um traço em comum. Normalmente iniciam seu trabalho revisando a bibliografia anterior para discutir seja o conceito de profissão, seja o de profissionalização. Esta recorrência é sintomática do precário consenso que existe sobre o que são as profissões nas sociedades contemporâneas. As referências comuns às características das profissões, que não são privativas dos estudiosos das mesmas (educação superior, conhecimento formal, prestígio e influência social, serem atividades privativas das classes médias), são objeto de discussão, pois trata-se de esquadrihar mais a fundo o significado de tais referências e a hierarquia que ocupam na definição da profissão (Hualde, 2000)

A profissão de vaqueiro foi reconhecida no dia 24 de setembro de 2013 no Congresso Nacional, por meio de um projeto de lei elaborado pelo ex-deputado Edigar Mão Branca e Edson Duarte. Vaqueiros de todo o País foi ao Congresso para acompanhar a votação. A lei Nº 12.870, de 15 de outubro de 2013, reconhece a atividade de vaqueiro como profissão sobre as seguintes atribuições: “realizar tratamentos culturais em forrageiras, pastos e outras plantações para ração animal; alimentar os animais sob seus cuidados; realizar ordenha; cuidar da saúde dos animais sob sua responsabilidade; auxiliar nos cuidados necessários e entre outros.”³⁶

Roberto³⁷ afirma que ser vaqueiro está muito mais distante do que apenas caracterizar como o homem que monta em um cavalo e faz a derrubada de um boi em uma arena. Ele diz que existe dois tipos de vaqueiro: O vaqueiro de corrida e o vaqueiro do campo. Diferenciando, o vaqueiro de corrida é aquele que se limita apenas a competir nas vaquejadas, sendo na verdade, considerado como desportista. Já o vaqueiro do campo, é aquele que vive no campo, cuidando da fazenda, cumprindo as tarefas rotineiras do campo, cuidando dos animais. Esse vaqueiro, nem sempre é considerado um desportista, onde muitas vezes não chega a correr nas vaquejadas. Limita-se apenas a cuidar das fazendas e dos animais.

³⁶ Informação tirada do site portaldavaquejada.com.br onde

³⁷ Fundador do clube do vaqueiro

Em conversa, Roberto explica que o vaqueiro de corrida ainda pode ser subdividido em duas classes: aqueles que ganham a vida apenas correndo nas vaquejadas, o que pode ser considerado como profissão, ou aqueles que tem uma outra profissão, e veem a vaquejada apenas como um esporte ou meio de diversão.

Vale destacar tipos diferentes de vaqueiro de corrida, como os que formam a dupla para derrubar o boi: vaqueiro batedor de esteira e o vaqueiro puxador. Um outro tipo de vaqueiro, se dá no locutor das vaquejadas. Aquele que está entre as corridas narrando para o público todo o evento. Tem também, os vaqueiros que não montam, devido a idade ou algum outro tipo de problema, mas que auxilia os vaqueiros nos preparativos do cavalo ou do boi, ou até mesmo, aqueles que alugam os seus animais para que outros profissionais possam montar e competir.

Existem casos que além de cuidar do gado e da fazenda do seu patrão, o sertanejo aluga sua agilidade na conquista de prêmios para si e para o dono do cavalo utilizado, é o caso de João, caseiro da fazenda de Roberto. João não tem cavalo próprio para conseguir montar, e utiliza dos cavalos do seu patrão negociando com ele a espécie de “aluguel” do cavalo, seja por serviços prestados, ou parte da premiação, deixando em média 50% dos prêmios conquistados para o seu patrão. Em conversa, foi perguntado como funcionaria essa relação entre o vaqueiro e o “patrão” e como era dividido a premiação, obtendo a resposta:

determinada pessoa tem um cavalo, independente de alugar a Marcos ou não – vai ter uma vaquejada em tal canto, ai essa pessoa quer que eu corra pra ele com o seu cavalo, isso serve tanto para ela ganhar prêmios caso eu bata a senha, como também para fazer a divulgação do cavalo. Eu vou e corro pra ele, se eu ganhar ai eu tenho uma porcentagem, no caso pra quem puxa é 40% pra quem bate esteira é 10% e o resto é do patão. É assim que funciona!

Contudo, as vaquejadas estão cada vez mais se popularizando e essa prática tem-se enraizado e hipertrofiado, gerando avantajados lucros e mobilizando o apoio de parte considerável dos empresários e políticos locais. Com os lucros da cobrança de ingressos, a as inscrições das duplas que derrubam os bois, as disputas de patrocínios e premiações, acabaram tornando-se competições, com calendário e regras bem definidas, virando verdadeiras “indústrias” milionárias, que oferecem fortunas em prêmios, e milhares de empregos diretamente e indiretamente. Hoje, há dezenas de parques de vaquejada pelo Nordeste, a exemplo do Parque Maria da Luz, em Campina Grande, que funciona há trinta anos. Vaqueiros de todas as partes se reúnem para as disputas, pela glória e pelos prêmios, cada vez mais

atrativos, e, profissionalizando esse esforço, se consideram atletas. Na Paraíba, a Vaquejada tem mais de três mil participantes federados atualmente, para os quais ela não passa de uma divertida tradição cultural.

Nesse estudo, com base em pesquisas documentais e bibliográficas, e dos registros orais, percebemos um conhecimento mais fundamentado nesse cunho histórico em que se debruça sobre a questão ambiental. A cada dia, pesquisas históricas focalizam relações entre as sociedades e o ambiente. E são diversos exemplos: Relações dos homens com animais domésticos e selvagens; história de florestas, rios, paisagens e interferências no meio ambiente; as relações entre as cidades e a natureza; os resultados da ação de diferentes sociedades na transformação, sobrevivência ou destruição dos seres vivos.

É nítido, com base em fontes bibliográficas, que a relação entre Homem/natureza vem gradativamente ganhando força no campo da história, e que, no caso da vaquejada, essa relação entre o homem e o animal está bem mais interligada, uma vez que, parte-se também de uma ideia econômica e social. Nota-se, também, que a prática da vaquejada mescla entre uma relação de esporte e amor, levantando a ideia de cultura muitas vezes enraizada no berço familiar. Na maioria dos relatos podemos notar uma forte influência familiar entre os vaqueiros, onde eles defendem a vaquejada como uma tradição familiar levada de pai para filho durante muitas gerações.

2.2- A trajetória

A vaquejada é considerada uma atividade recreativa-competitiva. Enquanto atividade esportiva, objetiva-se que dois vaqueiros alcance e emparelhe um boi entre os cavalos, conduzindo-o até um local indicado, onde o animal deve ser derrubado.

Essa prática foi inicialmente criada nos sertões nordestinos, em grandes fazendas de coronéis onde os animais eram marcados e soltos na mata. Depois de algum tempo, os coronéis reuniam seus peões para juntar o gado marcado. Entretanto, alguns desses animais se reproduziam na mata e sem contato direto com humanos, esses filhotes se tornavam bravos e ferozes, sendo eles o principal alvo para essa busca chamada de “pegas de gado”. Montados em seus cavalos, os peões se embrenhavam na mata cerrada em busca dos bois, laçavam e traziam

aos pés dos coronéis. Nessa luta, alguns desses homens se destacavam por sua valentia e habilidade, daí surge a prática de transformar essa simples busca do gado em competição.

Por volta de 1810 ainda não existia a Vaquejada, conforme afirma o historiador Câmara Cascudo (1976), entretanto já se tinha conhecimento de uma atividade similar e denominada por “Derrubada de vara de ferrão” praticada em Portugal e na Espanha, na qual o peão utilizava uma vara para pegar o boi. Constata-se que derrubar o boi pelo rabo é uma execução costumeira tipicamente nordestina, uma vez que na região Seridó, na Paraíba, onde tudo começou, era impossível o uso da vara, pois o campo era muito acidentado e a mata muito fechada. Por essa razão tudo indica que foi da atitude do vaqueiro do Seridó em derrubar o boi pelo rabo que nasce essa modalidade para as vaquejadas nordestinas.

De início, a Vaquejada marcava apenas o encerramento festivo de uma etapa de trabalho, onde os peões tinham a obrigação de reunir o gado, marcar, castrar, tratar as feridas, etc.; era a tradicional “Festa da apartação”, da separação do gado. Feita a separação, acontecia a vaquejada: o exibicionismo no qual a força e virilidade do vaqueiro ganha destaque. No entanto, essa tradição foi ganhando cada vez mais importância e as festas deixam de ser de uma simples diversão entre os vaqueiros e passa a ser um dos mais atrativos eventos do sertão nordestino.

As vaquejadas consistiam em rituais de sociabilidade e entretenimento, o qual se tornou uma prática esportiva sob influência de jovens da classe média e alta, conforme afirma Cascudo (1976):

Concorrem os jovens vaqueiros e em maioria absoluta fazendeiros moços, homens titulados pelas Universidades, médicos, engenheiros, advogados, agrônomos [...] Viajam horas e horas de avião, às vezes pilotando-o como Roberto Varela, para uma puxada espetacular, delirando de palmas. A Vaquejada tornou-se esporte da aristocracia (CASCUDO, 1976).

A festa é um jogo em que todos participam, sendo considerada para os vaqueiros como uma brincadeira e ao mesmo tempo a chance de mostrar para os demais a sua força, habilidade, vitalidade e energia. A consolidação da vaquejada estava integrada à vida cotidiana dos sertanejos e o reconhecimento das suas habilidades é relatado e elogiado por todos os presentes em áreas circunvizinhas, mas não proporciona a sua ascensão social. Dessa forma, o vaqueiro continuará sendo o mesmo peão/vaqueiro para os coronéis.

Com o passar do tempo, as vaquejadas foram se popularizando e essa prática tem-se enraizado, gerando vantajados lucros e mobilizando o apoio de parte considerável dos empresários e políticos locais. Por conseguinte, torna-se competições, com calendário e regras

únicas bem definidas, virando verdadeiras indústrias milionárias, que oferecem fortunas em prêmios. Hoje, há dezenas de parques de vaquejada no Nordeste. Vaqueiros de todas as partes se reúnem para as disputas, pela glória e pelos prêmios, cada vez mais atrativos.

Em conversa com alguns vaqueiros no clube, foi questionado sobre as premiações já recebidas por eles. Lucas Almeida relata que o menor prêmio ganhando foi um cheque de mil reais e cita alguns outros prêmios já conquistados, como: motocicletas 0km, cabeças de gados, viagens em hotéis luxuosos e claro, o próprio cavalo usado no momento da derrubada.

Segundo Aires (2008), não podemos falar da modernização da Vaquejada sem antes lembrar das suas origens, as vaquejadas de morão. Conforme o autor:

que se diferencia pelo fato de ser executada pela derrubada do boi entre duas faixas, embora essa puxada pudesse ser de arrasto, ou seja, o vaqueiro começava a puxar o boi fora das faixas e o soltava no seu interior. Essa derrubada era realizada entre faixas que contém 6 metros de largura. Esse tipo de vaquejada trazia alguns elementos da pega de boi, como a puxada do boi pelo rabo em qualquer lugar, as vestes de couro e a presença do vaqueiro de fazenda nas vaquejadas. A pontuação desse tipo de competição é contabilizada de acordo com quem fizer isso mais próximo possível da entrada do boi na pista de corrida. Por outro lado, o boi podia correr para frente e para trás. O que era válido era que o vaqueiro “puxasse o animal” para o chão (AIRES, 2008).

Uma considerável mudança nas práticas de vaquejada foi a estrutura da pista onde se acontece a derrubada do boi. Como antes eram realizadas em terrenos de fazenda o local tornou-se limitado à medida que as vaquejadas ganhavam ainda mais destaque; assim, um espaço precisava ser organizado para tal. Na década de 1960, as pistas de disputa de vaquejada tinham um total de seis metros. Foi a partir dos anos 1980 que as pistas passaram a ter dez metros, conforme mostra na figura 1. Com o tempo, as competições de tornou cada vez mais um negócio rentável movimentando valores na casa de milhões entre premiações, organização de eventos e publicidade, os quais costumam demandar investimentos médios de R\$ 800 mil. Já um vaqueiro iniciante deve investir cerca de R\$ 10 mil para entrar nesse ramo. Um levantamento realizado pela Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ, 2020) estimou que são realizados em torno de 4 mil eventos desse esporte todos os anos.

Figura 1: Arena



Fonte: Lucas Almeida, 2018

Conforme a vaquejada foi ganhando destaque e modernização nas regras, outras mudanças que nos proporciona observar esse evento como uma festa também surgiram, como mostra Maia (2003):

foram ganhando auto-falante para chamar os que estavam disputando, propaganda, anúncios, delimitações de percurso, regras, prêmios, cavalos de raça (...), um público citadino curioso; começaram a cobrar taxas de inscrição progressivamente mais caras (MAIA, 2003).

A vaquejada passou ser vista como uma atividade esportiva e o vaqueiro como um desportista em termos oficiais através da Lei Federal de nº 10.220, sancionada no dia 11 de abril de 2001, a qual considera que

atleta profissional o peão de rodeio [...] entendem-se como provas de rodeios as montarias em bovinos e equinos, as vaquejadas e provas de laço, promovidas por entidades públicas ou privadas, além de outras atividades profissionais da modalidade organizadas pelos atletas e entidades dessa prática esportiva (MAIA, 2003).

A oficialização da vaquejada como um esporte tornou o evento ainda mais profissional, provocando modificações nas regras da competição. Essas modificações podem ser vistas nos locais onde ocorrem as disputas, pois antes eram nos pátios das fazendas, hoje são em grandes

parques construídos exclusivamente para esse tipo de atividade. Percebemos então que relações de trabalho entre o vaqueiro e seus patrões também sofreram implicações, pois se antes era o vaqueiro e o fazendeiro, hoje essas relações ocorrem entre o vaqueiro e o grande empresário. Outra mudança está na forma dos pagamentos que antes eram um quarto da produção a cada cinco anos e hoje o prêmio das vaquejadas é dividido entre o vaqueiro e seu patrão, prêmio esse, conforme afirma Maia (2003), que antes eram simbólicos e que hoje são verdadeiras fortunas, como comprovado nos discursos de alguns vaqueiros entrevistados.

Os parques de vaquejada são construídos segundo uma padronização oficial para a pista onde se dá a corrida. As disputas da vaquejada contemporânea são sempre realizadas em dupla – o “puxador” e o “esteira”, como apresentado na figura 2. As disputas são feitas da seguinte maneira: quando a porteira se abre o “esteira” pega a cauda do boi e entrega para o “puxador”, onde este dá um giro na cauda, puxa-a, derrubando o boi, que deverá cair na área demarcada pelas duas faixas, com as patas levantadas sem tocar em nenhuma das faixas, conforme a figura 3. Caso isso aconteça diz-se “valeu boi” e os pontos são contados; caso contrário, a expressão é “zero”.

figura 2: Dupla Puxador e Esteira



Fonte: Lucas Almeida, 2018

Figura 3: Dupla Puxador e Esteira



Fonte: Josemir, 2017

Como dito anteriormente, a vaquejada é reconhecida como um esporte nascido no Nordeste brasileiro e que possui uma legião de adeptos. Os vaqueiros, montados a cavalo, têm como função derrubar os bois puxando-os pelo rabo. Na metade do século passado a vaquejada já era bastante popular, contudo, nos últimos anos se tornou o centro de importantes discussões destacando a forma como o manejo dos animais se sobrepõe a direitos básicos do meio ambiente. Mesmo com medidas que visam oferecer mais cuidado em relação aos animais, a vaquejada ainda é uma atividade muito questionada. No Ceará, por exemplo, existe uma briga judicial que já resultou na proibição desse tipo de evento na cidade de Fortaleza desde o ano de 2016. Outros estados mantiveram a vaquejada, mas ainda com severas restrições. Trata-se de um assunto bastante polêmico que ainda vai ser muito debatido entre os simpatizantes da vaquejada e os defensores dos direitos dos animais.

Para que o esporte pudesse continuar a ser realizado algumas regras de preservação da saúde dos animais e dos vaqueiros foram introduzidas. A título de exemplificação, vale destacar o protetor de cauda usado nos bois que se caracteriza por ser um rabo artificial que reveste o rabo verdadeiro do boi, conforme observa-se nas figuras 4 e 5.

Figura 4: Protetor de Cauda ABVAQ



Fonte: ABVAQ – NoGalope (2016)

Figura 5: Protetor de Cauda ABVAQ



Fonte: ABVAQ – NoGalope (2016)

Normalmente, a vaquejada dura de quatro a cinco dias, dependendo da quantidade de competidores e da qualidade dos animais. Um ou dois dias são reservados para atrações artísticas musicais de vários seguimentos, o que transforma o acontecimento em um verdadeiro evento com enormes premiações. Em 29 de novembro de 2016, foi sancionada a Lei 13.364, que tornou não só a vaquejada, mas também o rodeio como manifestação da cultura nacional e patrimônio cultural imaterial do país. Segundo a Associação Brasileira de Quarta de Milho (ABQM) existem milhões de simpatizantes, em torno de mais de 4 mil eventos que acontecem anualmente, gerando, desta forma, inúmeros empregos. Segundo o presidente da ABQM, Edilson de Siqueira Varejão Júnior, por volta de 1990, cerca de 10 eventos foram realizados por fim de semana, o que significa um impacto econômico que ultrapassa a quantia de R\$ 800 milhões por ano.

As práticas de vaquejada vêm se expandindo no Nordeste e demais outras regiões a cada ano que passa. Um dos fatores que serviram de influência para que essa expansão ocorresse foi a criação de categorias como aspirante, amador e profissional, os quais possibilitaram o aumento de chances para participação no evento. Outros fatores muito importantes foram a modernização e a adoção de técnicas que permitem amenizar o sofrimento do animal, bem como o acompanhamento de especialistas tendo em vista a saúde dos mesmos. Foram criados regulamentos que padronizam a vaquejada, os instrumentos a serem realizados nos eventos, a fiscalização, com forma de saber se o evento está seguindo o regulamento, aplicando sanções e medidas preventivas caso sejam infringidas as regras pré estabelecidas.

2.2.1 – Manifestação Cultural Ou Violação Dos Direitos Dos Animais?

O direito dos animais vem ganhando cada vez mais força e representação. O filósofo australiano Peter Singer foi um dos primeiros a levantar a bandeira pelo direito dos animais. Como já dito anteriormente, o seu livro “A libertação animal” (1975) é referência para todos os movimentos e ativistas que surgiram desde então. O livro denuncia práticas de crueldade aos animais de um ponto de vista ético:

Se um ser sofre, não pode haver justificação moral para recusar ter em conta esse sofrimento. Independentemente da natureza do ser, o princípio da igualdade exige que ao seu sofrimento seja dada tanta

consideração como ao sofrimento semelhante – na medida em que é possível estabelecer uma comparação aproximada – de um outro ser qualquer. Se um ser não é capaz de sentir sofrimento, ou de experimentar alegria, não há nada a ter em conta. Assim, o limite da senciência (utilizando este termo como uma forma conveniente, senão estritamente correta, de designar a capacidade de sofrer e/ou, experimentar alegria) é a única fronteira defensável de preocupação relativamente aos interesses dos outros. O estabelecimento deste limite através do recurso a qualquer outra característica, como a inteligência ou a racionalidade, constituiria uma marcação arbitrária. (SINGER, 1975.)

A Constituição Federal de 1988 expôs o conflito entre manifestações culturais e direito dos animais em dois dos seus artigos: art. 225, § 1º, VII e art. 215, caput e § 1º.

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

1º Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público:

VII – proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade.

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Em 2016, essa polêmica ganha ainda mais força quando o STF analisou a lei de número 15.299/2013 do Estado do Ceará, que regulamenta a vaquejada como prática desportiva e cultural no estado. Por 6 votos a 5, os ministros condenaram a prática pela “crueldade intrínseca” aplicada aos animais. Para o relator, o ministro Marco Aurélio Mello, os laudos contidos no processo demonstram consequências nocivas à saúde dos animais: fraturas nas patas e rabo, ruptura de ligamentos e vasos sanguíneos, eventual arrancamento do rabo e comprometimento da medula óssea. Também os cavalos, de

acordo com os laudos, sofrem lesões. Assim, para ele, revela-se “intolerável a conduta humana autorizada pela norma estadual atacada”.

Os defensores da PEC que regulamenta a vaquejadas argumentam que além da questão cultural, a vaquejada movimenta R\$ 600 milhões por ano, gerando ainda 120 mil empregos diretos. Por isso, apenas um mês depois da votação no Supremo, o Congresso aprovou uma lei que tornava a vaquejada manifestação cultural nacional e patrimônio cultural imaterial. O objetivo foi derrubar a decisão do STF. Isso porque o texto da emenda à Constituição diz que “não se consideram cruéis as manifestações culturais previstas no parágrafo 1º do artigo 215 e registradas como bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro, desde que regulamentadas em lei específica que assegure o bem-estar dos animais”.

Em âmbito mundial, podemos levar essa discussão para as touradas na Espanha. Por muito tempo, quando pensamos na Espanha, é a imagem das touradas que provavelmente nos vem à cabeça. Mas mesmo as mais fortes tradições sofrem o baque da mudança de valores ao longo do tempo. É cada vez menor o número de municípios espanhóis que permitem a tourada. E, naqueles em que são permitidos, o número de eventos e de espectadores não param de cair, uma vez que segundo dados do Ministério do Interior e do Ministério da Cultura da Espanha, em uma década, o número de “corridas de touros” caiu quase 70%, segundo Sobral (2017).

No Brasil, a Lei 13.364, sancionada em 29 de novembro de 2016, elevou não só o rodeio e a vaquejada, mas as respectivas expressões artístico-culturais à condição de manifestações da cultura nacional e de patrimônio cultural imaterial. Segundo a lei, consideram-se ainda patrimônio cultural imaterial do Brasil as expressões decorrentes, como montarias, provas de laço, apartação, provas de rédeas, provas dos três tambores, paleteadas, outras provas típicas, como a queima do alho e o concurso do berrante, bem como apresentações folclóricas e de músicas de raiz.

Em 2019, foi sancionada a Lei 13.873 que considera a vaquejada e o laço como expressões esportivo-culturais pertencentes ao patrimônio cultural brasileiro de natureza imaterial, sendo atividades intrinsecamente ligadas à vida, à identidade, à ação e à memória de grupos formadores da sociedade brasileira. O artigo terceiro da lei determina que deverão ser aprovados regulamentos específicos para o rodeio, a vaquejada, o laço e as demais provas equestres, por suas respectivas associações, no Ministério da Agricultura.

A nova lei assegura a proteção e o bem-estar dos animais, e prevê punições para os casos de descumprimento. O texto também estabelece que os promotores de eventos utilizem

protetores de cauda em todos os bois, além de garantirem uma quantidade mínima de areia lavada de 40 centímetros de profundidade na faixa em que acontece a pontuação, como já vem sendo exigido pela ABVAQ. O texto foi aprovado pela Câmara dos Deputados em junho, como PL 8240/2017, mas tramitou no Senado como PLS 377/2016. A lei foi sancionada pelo então presidente da República, Jair Bolsonaro.

Como já mencionado, por se tratar de uma prática que abrange os animais e está profundamente em conexão com a cultura nordestina e essencialmente mais forte nas zonas rurais, a vaquejada passa por uma sensibilidade clara sobre um aparente preconceito. Nossa Lei maior assegura a todos o pleno prazer de usufruir dos direitos culturais, bem como fundamentar e promover o seu valor. Por se tratar de algo bastante praticado que passa por gerações, são altamente defendidos por inúmeros brasileiros, sobre tudo os nordestinos. Os fãs e seguidores defendem que não existem maus tratos, e que os animais passam por análises de suas condições para as competições. Além do mais reconhecem essa prática não só enquanto uma festa de início nordestina, mas também uma prática desportiva e uma maneira de manifestação cultural. Segundo a Lei nº 20.447, de 22 de Abril de 2019, a vaquejada acontece em um local apropriado, com formato e dimensões que promovam a segurança dos animais e dos competidores. A pista de vaquejada, onde é realizada a competição, deve permanecer isolada por uma proteção, de preferência, não farpado, e com avisos e sinalizações para que proporcionem maior efetividade na segurança.

Art. 4º Fica obrigado aos organizadores da vaquejada adotar medidas de proteção à saúde e à integridade física do público, dos vaqueiros e dos animais.

§ 1º O transporte, o trato, o manejo e a montaria do animal utilizado na vaquejada devem ser feitos de forma adequada para não prejudicar a saúde do mesmo.

§ 2º Na vaquejada profissional, fica obrigatória a presença de uma equipe de paramédicos de plantão no local durante a realização das provas, bem como a presença de médico veterinário para atendimento à saúde do animal.

Conforme citado, o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, apoiando e incentivando a valorização e a difusão das manifestações culturais. Portanto, o Estado por meio da Constituição apresenta dispositivo de apoio à vaquejada pois ela é uma manifestação cultural e esportiva.

A cultura popular é a expressão mais legítima e espontânea de um povo e é o resultado de uma interação contínua entre as pessoas pertencentes a determinadas regiões. A festa da

Vaquejada era, segundo Câmara Cascudo (1976), a data festiva mais tradicional do ciclo do gado nordestino: uma exibição de força ágil, provocadora de aplausos e criadora de fama. Portanto, a vaquejada, que , está amparada pelo disposto no art. 215, § 1º, da Constituição Federal, é uma manifestação cultural nordestina, um combate entre o homem e o boi, que difunde a cultura da região.

2.3 - A Vaquejada Contemporânea: As festas

As Vaquejadas são uma recreação popular tradicional do ciclo do gado nordestino. Têm origem nas viagens de boiadeiros, nas comitivas que levavam o gado e comemoravam o encerramento de alguma etapa de trabalho. Acontecem até os dias atuais, sobretudo no Nordeste. A atividade se desenrola em uma arena fechada, onde peões e vaqueiros mostram suas habilidades com os cavalos e os bois, participando de provas como laçar, apartar e marcar o gado. Mas existem outros atrativos para os espectadores e participantes, como bailes, leilões e exposições de animais.

Em 2016, o cantor e compositor Mano Walter lançou a música “Festa de Vaquejada” onde na letra é possível identificar como funciona as modernas festas de vaquejadas e, claro, como os vaqueiros se alegram com essa prática.

Forró!

Essa vida de gado, essa vida que eu amo meu pai do céu
 E eu sinto cheiro de vaquejada de longe!
 Dá pra ver de longe que tem vaquejada
 A poeira sobe e o chicote estrala
 Mulher pra todo lado, de bota e chapéu
 Tem loira, tem morena dos olhos cor de mel
 Locutor chamando pra correr o gado
 Vaqueiro bebendo, cavalo selado
 A mulherada grita da arquibancada
 Bebendo uísque e cerveja gelada
 E o vaqueiro
 Corre dentro da pista em seu cavalo alazão
 Quando chega na faixa derruba o boi no chão
 Assim é vaquejada, assim é meu sertão
 E o vaqueiro
 Corre dentro da pista em seu cavalo alazão

Quando chega na faixa derruba o boi no chão
 Assim é vaquejada, assim é meu sertão
 Bracinho
 Orro, e aí Dracena?
 Dá pra ver de longe que tem vaquejada
 A poeira sobe e o chicote estrala
 Mulher pra todo lado, de bota e chapéu
 Tem loira, tem morena dos olhos cor de mel
 Locutor chamando pra correr o gado
 Vaqueiro bebendo, cavalo selado
 A mulherada grita da arquibancada
 Bebendo uísque e cerveja gelada
 E o vaqueiro
 Corre dentro da pista em seu cavalo alazão
 Quando chega na faixa derruba o boi no chão
 Assim é vaquejada, assim é meu sertão
 E o vaqueiro
 Corre dentro da pista em seu cavalo alazão
 Quando chega na faixa derruba o boi no chão
 Assim é vaquejada, assim é meu sertão
 Ô vida de gado, orroi!
 Vam'bora cumpadre

(Mano Walter, 2017)³⁸

Foi realizado uma entrevista com o vaqueiro Pepeta³⁹, como é popularmente conhecido no clube e na cidade de Esperança. O vaqueiro se alegra em falar que a festa “é o melhor momento da vaquejada”. Pepeta afirma que competir e ganhar é muito bom, mas competir por amor e ter sempre esse motivo para comemorar, é melhor ainda. Conforme o vaqueiro:

O momento da festa é a melhor parte. Quando se termina as derrubadas e você sai com sua premiação. Fico me achando o “Gustavo Lima” de tão famoso que fico (risos). A gente sai para poder comemorar as derrubadas, os desafios, desopilar a mente e ainda se divertir conhecendo sempre gente nova. Tem gente que vai só por causa das festas e das bandas. Mas tem gente, que assim como a gente, vai pelo prazer de aproveitar cada momento da vaquejada.

Exibir suas premiações, seus cavalos, seu chapéu e bota, nos festejos depois da derrubada, não deixa de ser um exibicionismo da sua virilidade e força, como podemos perceber no discurso de alguns vaqueiros entrevistados. Em sua fala, Pepeta continua relata:

E você ainda ganha a chance de virar o galã das mulheres. O vaqueiro forte que derrubou “não sei quantos” bois bravos. Tem muita mulher que gosta

³⁸ LOPES, José Walter Tenório. Interprete: Mano Walter; Festa de Vaquejada. In: CD promocional de verão, 2017. 1CD. Faixa 3

³⁹ José Amaro, 33 anos. Vaqueiro desportista e Caminhoneiro de profissão. Solteiro, morador de Esperança – PB.

disso. Como também tem muito homem que gosta das mulheres fortes e corajosas que também derrubam muito boi por aí.

Segundo Câmara Cascudo (1976), a vaquejada no decorrer dos tempos passou a ser a maior manifestação do ciclo do gado, onde ganhou cada vez mais uma organização melhor e mais detalhada, criando regras e oferecendo prêmios. Dessa forma, atraiu mais ainda o público e chegou a década de 90 como uma grande festa popular do sertão. Atualmente, são grandes festas com shows de bandas de forró famosas e artista de música sertaneja, atraindo cada vez mais a simpatização do jovens e adultos da região.

Dos anos 90 até a atualidade, a vaquejada é encarada como um grande empreendimento. Os organizadores cobram ingressos para o público assistir as disputas e o vaqueiro é reconhecido como um atleta da pista. Em conjunto a essa modalidade esportiva, surgem outros ramos econômicos atrelado a vaquejada, como é o caso das bandas musicais, os acessórios, farmaceuticas, rações utilizadas pelos animais, instrumentos utilizados nas atividades de campo no pastoreio e cuidados com os animais, manutenção dos Aras e pistas, entre outros equipamentos ou serviços utilizados nesse esporte.

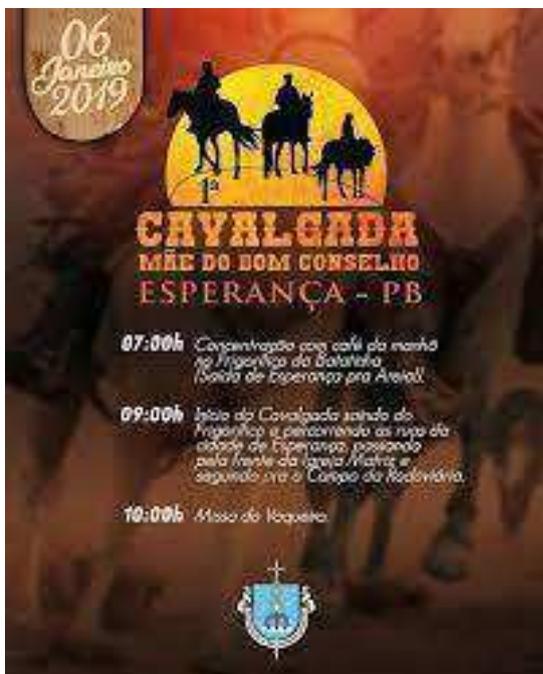
2.3.1 : Missa do vaqueiro

Por conta da atividade do vaqueiro, ao longo do tempo, festas tradicionais como a missa do vaqueiro, a cavalgada e a vaquejada, foram surgindo cada vez mais ligadas ao vínculo do trabalho e cotidiano do vaqueiro e/ou homem do campo. Essas festas populares no campo estão na maioria das vezes ligadas à herança dos antigos sistemas de produção e às relações de trabalhos em determinados períodos, aquelas que se acrescentam as crenças religiosas e o poder político local.

A missa do vaqueiro é uma tradicional festa de cunho religioso, o qual, na cidade de Esperança, acontece em três momentos. O primeiro momento ocorre no mês de janeiro (sem data certa), durante os festejos da padroeira da cidade. O segundo momento acontece no dia de Nossa Senhora Aparecida, no 12 de outubro. E por sua vez o terceiro momento, ocorre no aniversário da cidade, no dia 01 de Dezembro. Vale destacar que essa comemoração teve sua origem no ano de 2019 na cidade cenário dessa pesquisa, dessa forma, fazendo parte da programação festiva da Padroeira de Nossa Senhora do Bom Conselho, conforme observa-se

na figura 6.

Figura 6: Programação da festa



Fonte: Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho

A Missa do Vaqueiro, enquanto evento tradicional e cultural, teve origem a partir do desaparecimento de Raimundo Jacó, um vaqueiro de muita coragem do Sertão nordestino, que foi assassinado nas caatingas do Sítio das Lages, distrito do município de Serrita localizado em Pernambuco. A primeira missa em sua memória foi idealizada pelo Rei do Baião, Luiz Gonzaga cantor e compositor pernambucano, e rezada pelo padre João Câncio dos Santos em 1971. A ideologia cristã da missa caracteriza um ato de fé do homem sertanejo que, apesar de ser um povo sofrido, não perde jamais a esperança de dias melhores. Eles sobem até o altar e fazem suas oferendas com peças de sua indumentária de couro, arreios e instrumentos usados no pastoreio do gado. Durante o ofertório eles improvisam versos de aboio sobre cada peça ofertada. O objetivo principal da Missa do Vaqueiro é mostrar, através da figura do vaqueiro Raimundo Jacó, a bravura, a dedicação e a fé do homem sertanejo, valorizando a cultura popular e o rico artesanato nordestino.

Segundo Câmara Cascudo (1976), a Festa de Vaqueiro é uma extensão da missa, com uma duração de tempo maior e tem mais atrativos, tais como corrida de páreo, corridas de argolinhas e concurso de aboiadores. Essa festa faz um percurso na cidade com os vaqueiros montados a cavalos, cantando, ingerindo bebidas e no final do dia atrações musicais do gênero

forró. Já a vaquejada configura-se em festa mais importante das realizadas em torno da figura do vaqueiro, tem origem nas antigas vaquejadas, pegas de boi, corrida de mourão.

2.3.2 : Cavalgadas

As cavalgadas também são consideradas como uma festa popular entre os vaqueiros. Apresentando um nível de organização hierarquizado, conservando traços de origem medieval, atraem públicos de todas as idades e classes sociais. Os cavaleiros se reúnem e saem em cavalgadas nas cidades como forma de homenagem e devoção aos santos, geralmente aos padroeiros da cidade onde vai acontecer a cavalgada como São Benedito, São Jorge, Nossa Senhora Aparecida e entre outros. Muitas vezes, no final da cavalgada, os cavaleiros são recebidos com a Missa do Vaqueiro a qual faz parte integrante do ritual da festa. Por todo o Brasil, numerosas romarias a cavalo ocorrem regularmente rumo aos tradicionais centros de peregrinação das diversas regiões. Algumas chegam a reunir mais de 1500 participantes.

Assim como as Missas do Vaqueiro, esse evento também teve sua primeira edição na cidade de Esperança – PB no ano de 2019, mês direcionado às festividades da Padroeira da cidade. Recebendo muitos vaqueiros tanto da zona rural e urbana, quanto das cidades circunvizinhas, conforme observa-se a seguir na figura 7.

Figura 7: Cavalgada 2019



Fonte: Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho

Para os vaqueiros do Clube dos Vaqueiros, além de ser um momento de fé e devoção, a Cavalgada se configura como a oportunidade de propagar a vaquejada como cultura popular, de manter a tradição da vaquejada presente nas festividades da cidade, e de reviver valores antigos dentro da sociedade moderna e industrializada nos dias de hoje. Noberto⁴⁰ afirma que:

Quando eu era pequeno, lembro de sair cavalgando pelas ruas da cidade com meu pai e era normal e comum. A cavalgada me faz lembrar isso, essa tradição e costume de subir no cavalo e sair “desfilando” pela cidade. Isso é cultura.

Tradição é o conjunto de práticas, seja de natureza real ou simbólica, regulado por regras aceitas pelos grupos, objetivando desenvolver valores e normas de comportamentos na

⁴⁰ Noberto Almeida, empresário e dono do Haras Almeida Park. 53 anos, morador da cidade de Esperança e tem da vaquejada seu amor pessoal e esporte favorito. Junto com ele, leva filhos e netos no mesmo sentimento.

mente e na cultura das pessoas. Esse processo se dá por meio da repetição constante dessas práticas. Para Oliven (1992), a tradição são atitudes que os indivíduos tomam em sociedade e são orientadas pelo hábito, pela noção de “sempre foi assim”.

2.3.3 : Festa de caminhão

Chegou o fim de semana
Aumenta o desmantelo
A galera ta descendo
Pro caminhão do vaqueiro

Meu caminhão é top
Tem banheiro e tem chuveiro
Tem cama, teto solar
No frigobar whisky e gelo

Fiz uma boate no meu caminhão
É só curtidão, é só curtidão
Depois que por o gado na competição
Vou curtir a noite dentro do meu caminhão

(Mano Walter, 2015)⁴¹

Vale destacar que as festas de vaquejadas acontecem dentro e fora dos grandes espetáculos que a população tem acesso. As Missas, As Cavalgadas, Cavallhadas são exemplos dos festejos “abertos” para a população. Mas os caminhões, que muitas vezes deixam de servir apenas como transporte de animais e de instrumentos para competições, se tornam espaço de grandes festas internas entre os caminhoneiros e vaqueiros.

A música que serviu de epígrafe para essa discussão foi lançada pelo cantor Mano Walter no ano de 2015. A letra especifica a preparação do caminhão para um possível balada depois da vaquejada. Com cama, frigobar e banheiro, esclarece que não se trata de um caminhão simples de transporte, e sim de um luxuoso caminhão que servirá como palco de festejos particulares.

Podemos observar nas estruturas físicas das vaquejadas-espetáculos espaços destinados aos caminhões na parte externa. Nesses caminhões, é comum o espaço ser utilizado tanto para momentos e encontros com familiares, amigos, competidores e patrões, como para

⁴¹ LOPES, José Walter Tenório. Interprete: Mano Walter; Farra do caminhão. In: CD promocional de verão, 2015. 1CD. Faixa 2

discutir sobre a vaquejada e negociação de animais, sobretudo cavalos que tem maior valor aquisitivo na vaquejada atualmente.

Dessa forma, encontramos o mais diferentes tipos de caminhões, desde os mais mais simples, aos equipados estruturalmente. O caminhão mais equipado é aquele que tem como detalhado na música de Mano Walter, como banheiro próprio, teto solar, cozinha, camas e quartos com suas divisórias para pessoas e para os cavalos. O caminhão simples é aquele que serve para carregar cavalos e na hora que estaciona no parque monta com uma tenda para passar os dias de competição na vaquejada. De toda forma, do luxuoso ao mais simples, são nesses espaços que acontecem as festas do caminhão.

Tendo em vista que a Vaquejada é uma prática que requer viagens em diferentes cidades e poucas idas para casa, os peões de boiadeiro adaptam seus caminhões como seu único espaço como lar. No entanto, esse mesmo espaço torna-se também como espaço de socialização e lazer entre os boiadeiros e vaqueiros.

Em conversa com Ericles⁴² foi perguntado sobre essas festas, seus costumes e funcionalidades. O vaqueiro afirmou que as festas no caminhão “é o momento mais esperado. Quando se encerra as competições e as grandes festas, é hora de toda a equipe comemorar a premiação.” Essas festas no caminhão acontecem nos bastidores do grandes eventos com a finalidade de comemorar as premiações, as derrubadas e anunciar a volta para a casa.

Figura 8: Festa no Caminhão de Noberto



Fonte: Lucas Almeida, 2017

⁴² Vaqueiro entrevistado

CAPITULO III

Do Mato eu vim, o Mato respeitarei: A construção cultural da vida no campo

Eu acho que não
 Cidade não é ambiente pra vaqueiro, não
 Eu acho que não
 Se for pra viver desse jeito, eu não aceito, não
 Saudade da fazenda e modão de viola
 Meu par de esporas, amigos vaqueiros
 Saudade da minha antiga viola
 E do boi cigano que papai me deu
 (Lyon San)

O texto apresentado em epígrafe, é um trecho da música “Eu acho que não”, composta por Lyon San, no dia 20 de janeiro de 2019 e lançada por Cleiton Rosa dos Santos, mais conhecido como “O Vaqueiro Estranho”. A música aborda sobre um vaqueiro que deixou a vida do campo que ele tanto amava para morar na cidade com uma mulher. Na dúvida entre viver na fazenda e viver na cidade, o vaqueiro faz sua escolha e mostra pela letra da música que lugar de vaqueiro não é na cidade e sim no campo, enraizado com sua cultura. A música “Eu acho que não” em 30 dias alcançou 320 mil visualizações no canal do Studio7 na plataforma YouTube. O sucesso foi tanto que a banda Raí Saia Rodada, uma banda de forró eletrônico formada em Caraúbas-RN, regravou a música a qual tornou-se uma explosão nacional nesse novo contexto de forró.⁴³

Partindo desse enredo o qual apresenta um vaqueiro que deixa sua vida no campo e vai para a cidade, mas arrependido percebe que não consegue se adaptar à zona urbana e retorna para a fazenda, que apresento a história do Sr. Marcones. Marcones Alves da Rocha, 69 anos, viúvo e pai de 9 filhos, saiu do seu sítio localizado na cidade de Esperança quando tinha 17 anos para morar e trabalhar em São Paulo. Viajou de carona em um caminhão e foi acolhido na casa da tia. Em São Paulo, trabalhou na CEASA⁴⁴ descarregando caminhões de carga de frutas. Dedicou 10 anos da sua vida trabalhando na CEASA, mas nunca se sentiu realizado. No seu relato, conforme apresentado a seguir, ele deixa claro que não importava o dinheiro que ganhava, só conseguia se sentir feliz quando estava no campo.

É, minha filha. Anos de muita dificuldade. Um povo sem amor ao próximo,

⁴³ O **forró eletrônico** ou **forró estilizado** é um subgênero do forró originado no início da década de 1990, que procura mesclar elementos tradicionais do forró com outros gêneros musicais, adotando influências da lambada, do pop, do rock, do axé música e do sertanejo. O forró eletrônico atualmente movimenta numeroso público em feiras, arraiais, vaquejadas e eventos em todo Nordeste brasileiro.

⁴⁴ É a sigla para Centrais Estaduais de Abastecimento. As **Ceasas** são empresas estatais ou de capital misto (público e privado), destinadas a aprimorar a comercialização e distribuição de produtos hortifrutigranjeiros

que tem um “rei na barriga”. Não sabe como é bom a vida sem muita regalia. Em 10 anos eu trabalhei “igual um jumento”, comprei meu carrinho, juntei um dinheirinho, mas não era feliz. Queria mesmo voltar pra terrinha. A paz de acordar cedinho e ir tirar leite de vaca, plantar meu milhinho, montar no meu cavalo e sair pra colocar o gado no pasto. Voltar já no fim do dia, solzão laranja, ouvindo o canto dos passarinhos e um ventinho gostoso na nuca, dinheiro no mundo nenhum comprava isso. Quando voltei, tratei logo de casar e firmar aqui pra nunca mais sair.⁴⁵

A relação do homem com a natureza foi estabelecida a partir da dependência humana com as condições que a natureza oferece. Se voltarmos à pré-história e revisarmos sobre as primeiras civilizações, nos deparamos com os povos nômades que, devido a constante busca pela sobrevivência, utilizavam de recursos naturais disponíveis para alimentação e adaptação. Com o tempo, a escassez de alimento, as mudanças climáticas e o desenvolvimento das primeiras técnicas agrícolas, o nomadismo cedeu espaço para o aparecimento de comunidades sedentárias originárias das primeiras civilizações da Antiguidade.

Dessa forma, pode-se compreender que, de início, a relação com o meio a partir do que a Antropologia chama de antropomorfismo, que é uma atribuição de características ou aspectos humanos a animais, deuses, elementos da natureza e constituintes da realidade em geral. Explicando sobre essa relação do homem com o meio em forma de adoração ou veneração, Pelizzoli (2004) afirma que essa relação acontece, pois em muitos casos temos a natureza é constituída através da visão do maná⁴⁶, ou seja, a ideia de algo sagrado que devem ser reverenciado ou idolatrado para que se já propício como ajuda ou, como diz na própria igreja católica, como graça divina.

É nesse cenário que Marcones explica sua paixão pelo campo e sua gratidão pela terra, ao ser questionado sobre a cidade grande, suas experiências e histórias:

Deus fez a terra, a natureza e os animais para ser amigo do homem. Para que a gente possa comer, possa viver, e sempre se lembrar dEle. Quem tem Ele, tem tudo. Aqui pode até me faltar luxo, mas nunca me faltou comida e nem paz. Na cidade grande o povo cresce o olho ‘pro’ dinheiro, não tem respeito pelo próximo, não tem amor a natureza. É bagunçado demais. Ouvir a música dos passarinhos eu só consigo ouvir aqui. Lá o povo não sabe como é bom poder cuidar da terra e receber de Deus o presente de ter o que comer, de viver momentos assim, só porque o que é Dele e dividido com a gente ‘tá’ sendo cuidado.

⁴⁵ Marcones Alves da Rocha, 69 anos, viúvo e pai de 9 filhos. Morador da cidade de Esperança, PB.

⁴⁶ Segundo os textos bíblicos, Êxodo 16:31, **Maná é a substância provida milagrosamente por Deus que serviu como principal alimento dos israelitas durante a peregrinação no deserto.**

Quando questionado sobre o trecho “cidade não é ambiente para vaqueiro não” da música em epígrafe:

E não é mesmo não! Quem vai pra lá sempre quer voltar. Nem se compara a vida daqui com a vida de lá [...] Deus me livre voltar para São Paulo. Quando eu ‘tava’ novo eu ainda dizia que ainda iria pra passear, depois que Deus levou minha velha, nem pra passear mais. Minha raiz ‘ta’ aqui.

Conforme a encíclica *Rerum Novarum* afirma, “Não há ninguém entre os mortais que não se alimente do produto dos campos” (Leão XIII). Essa encíclica trata de questões levantadas durante a revolução industrial e as sociedades democráticas no final do século XIX. Nela há relatos sobre os maus tratos que ocorriam em fábricas e as precárias situações de vida dos operários que assim como Marcones, saíram do campo em busca de melhores condições de vida na cidade. A não possibilidade de uma vida confortável no campo causa efeitos, e dessa forma, é necessário fazer uma reflexão sobre a grande contribuição que o contato com o campo e o trabalho rural traz para a vida do homem e quais são as consequências quando esse contato é perdido.

Por muito tempo, quando se mencionava sobre “homem do campo”, logo a imagem formada à mente é de uma figura estereotipada de pessoas consideradas como atrasadas, caipiras e ignorantes. O modo de vida do homem do campo associada a pouca instrução escolar e as dificuldades que perpassam essa parcela da população, ainda é muito presente em várias regiões do país.

Conforme apresentado por Graciliano Ramos em sua obra literária “Vidas Secas”, publicada no ano de 1938, o sertão é tratado como impossibilidade. Assim sendo, temas como, a marginalização do sertanejo, a submissão ao trabalho, a dificuldade em falar com os opressores, a miséria, a dificuldade em compreender as coisas, o sentimento de injustiçado, podem ser observados e analisados, de modo que, muito embora se já uma obra de décadas atrás, ainda possibilita fazer um parâmetro com os dias atuais.

Para compreender toda a contribuição no que foi chamado de “construção cultural da vida do campo”, destacando que se leva como referência uma classe muito grande de pessoas com diferentes características e costumes, é necessário discutir e entender a valorização do homem do campo, sua cultura, sua história, seu modo de vida, sua forma de interagir socialmente, suas falas e seus hábitos.

Quando se fala em campo, se fala em um lugar. O lugar é a base da reprodução da vida em todas as suas dimensões, e a vida no campo entende bem essa origem. O fato de vivermos

em um determinado lugar já nos identifica socialmente a um espaço. Ferreira (2000), ao abordar o conceito de lugar formado a partir da identidade, afirma:

A identidade de um lugar seria deste modo, a expressão da adaptação, da assimilação, da acomodação e da socialização do conhecimento. O lugar seria um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade, associando-se, desta forma, ao conceito de lar. (FERREIRA, 2000).

O homem do campo sabe muito bem da sua origem, se identifica com seu espaço, com o seu lugar. Quando cultiva algo, sabe que influiu com uma parte, mas que a natureza também teve sua contribuição. O homem do campo respeita os tempos, as estações e tem disso como seu principal aliado. Ele conhece todo tipo de solo e só planta naquele que avaliar frutífero. Possui conhecimento acerca do combate às pragas entendendo o processo de crescimento e fortalecimento do fruto. No entanto, hoje predomina um pensamento sem raízes, sem costumes e desligados das tradições de cada povo. O imediatismo toma conta em todas as relações.

O homem da cidade também sabe muita coisa. Mas a cultura do imediatismo tem se tornado cada vez mais real. Ele pode até entender todo o processo de plantação, cultivo, colheita, mas não vivencia como o homem do campo. O dinamismo da cidade é tão intenso, que degustar um simples suco de fruta já não tem mais o mesmo sabor igual ao suco feito no campo. Talvez nessa transição do campo para a cidade, perdemos um contato com a realidade que hoje faz muita falta. No campo, sabíamos que há uma cooperação com a natureza. Na cidade, muitas vezes, lutamos contra ela.

A música “Obrigado ao Homem do Campo”, composta por Dom e Ravel, lançada em 1982, descreve o homem do campo englobando quase todas as atividades desenvolvidas. Carregada de simplicidade, até hoje, a canção descreve muito bem a luta diuturnamente e o respeito por esse trabalho, pois parece ter se habituado a um fardo difícil de ser carregado.

Obrigado ao homem do campo
 Pelo leite, o café e o pão
 Deus abençoe os braços que fazem
 O suado cultivo do chão
 Obrigado ao homem do campo
 Pela carne, o arroz e o feijão
 Os legumes, verduras e frutas
 E as ervas do nosso sertão
 Obrigado ao homem do campo
 Pela madeira da construção
 Pelo couro e os fios das roupas

Que agasalham a nossa nação
 Pelo couro e os fios das roupas
 Que agasalham a nossa nação
 Obrigado ao homem do campo
 O boiadeiro e o lavrador
 O patrão que dirige a fazenda
 O irmão que dirige o trator
 Obrigado ao homem do campo
 O estudante e o professor
 A quem fecunda o solo cansado
 Recuperando o antigo valor
 Obrigado ao homem do campo
 Do oeste, do norte e do sul
 Sertanejo da pele queimada
 Do sol que brilha no céu azul
 Sertanejo da pele queimada
 Do sol que brilha no céu azul
 E obrigado ao homem do campo
 Que deu a vida pelo Brasil
 Seus atletas, heróis e soldados
 Que a santa terra já cobriu
 Obrigado ao homem do campo
 Que ainda guarda, com zelo, a raiz
 Da cultura, da fé, dos costumes
 E valores do nosso país
 Obrigado ao homem do campo
 Pela semeadura do chão
 E pela conservação do folclore
 Empunhando a viola na mão
 E pela conservação do folclore
 Empunhando a viola na mão

(Dom e Ravel) ⁴⁷

Vivemos uma época na qual é fundamental discutir o papel do campo principalmente para que os camponeses possam pensar na sua realidade destacando a importância, visando a desconstrução de preconceitos referentes ao seu modo de viver. Portanto, é importante discutir sobre o papel positivo do rural para a manutenção da alimentação da cidade e, até mesmo, para a economia do país. No entanto, é fundamental entendermos o outro lado, a complexidade do mesmo, bem como a vida do peão e sua importância, o trabalho desenvolvido, que, muitas vezes, não tem o reconhecimento e a valorização da população urbana.

⁴⁷ DOME RAVEL; interprete: Dom e Ravel; Obrigado homem do campo. In: Brasil, Cidade e Campo, 1982. Faixa 2.

3.1- O Campo como Lugar de Vida

Para embasar as discussões e enriquecer as análises qualitativas sobre as memórias estudadas, o trabalho de Foucault (1969) contribui com as importantes reflexões dos seus estudos sobre a Análise do Discurso no qual considera que a linguagem não é transparente e procura detectar num texto significativos. Ela o vê como detentor de uma materialidade simbólica própria e significativa. Portanto, a partir dos estudos do discurso, pretende-se apreender a prática da linguagem, ou seja, o homem falando, procurando compreender a língua enquanto trabalho simbólico que faz e dá sentido, constituinte do homem e da sua história.

Quando criança, na troca de dente, eu ouvia do meu avô que era para enterra-los junto a porteira para que a terra abençoasse e eu me tornasse fazendeira. Bem, não funcionou. Mas durante toda minha trajetória até aqui, estudar, admirar e entender a relação do homem com a natureza, com o campo, com os animais, tem se tornado meu principal objetivo. Meu avô era um homem do campo e me ensinou a amar tudo isso. Seus relatos, cordéis e histórias, marcaram minha infância e, de certa forma, marcam minha vida adulta também.

O cordel de Lucia Teixeira (2012), descreve um pouco do dia a dia do que é viver no campo em comparação com os relatos de Sr. Marcone e as histórias vivenciadas ao lado do meu avô, reconheço como parte de mim. A autora afirma:

Que alegria a vida no campo
Sempre aqui quero viver
Contemplar a encantada lua
Ouvir a passarada ao amanhecer
Tomar banho no riacho
Contar histórias ao anoitecer.

De manhã logo cedo
O galo é o despertador
Leite do gado vou tirar
Depois com a boiada eu vou
lá para aquele cercado
Sou vaqueiro aboiador.

Conceição lá na cozinha
O café já preparou
Cuscuz, nata, ovo frito
E o queijo já aprontou
Cuida agora dos quitutes
Para o peixe que assou.

Chegando a hora sagrada
Na cabeceira o pai faz a oração
Pede a Deus sempre nos dê

Saúde,paz,milho e feijão
O resto nós corre atrás
Com a Tua proteção.

Às 18 horas então
Quando o relógio anuncia
Toda a família se reúne
Pra louvar a Virgem Maria
Ao redor de uma imagem
Uma vela alguém acendia.

Saudades, muitas saudades!
Tenho aqui do meu sertão
Parece que tudo virou
Com a tal globalização
O campo hoje é assim
Somente na recordação.

Recordação de quem foi
Por aqui muito feliz
Tomou banho nas águas
No rio que sempre quiz
Agora da modernização
Serei um eterno aprendiz.

Em conversa com Sr. Marcones havia cheiro de café no ambiente, radiola tocando uma moda sertaneja, enquanto ele compartilhava suas memórias. Da agricultura familiar tirava o seu sustento e dos nove filhos. Com alegria e orgulho na voz ele conta que pagou os estudos dos seus filhos com a venda do leite que tirava das suas vacas e vendia na cidade. Hoje, com tantos momentos de lutas e glórias, ele relembra momentos como esses citados no cordel de Lucia Teixeira.

O dia começava cedo. O galo acordava e já me acordava também. As vacas já estavam me esperando. Tirava o leite, dava o apoio para os meninos, e já colocava o leite nas garrafas. Logo cedinho os meninos já estavam de pé também e saía na bicicleta para entregar o leite a freguesia. Quando voltavam, brincavam no terraço até a hora de ir para a escola. Final de tarde, quando eles voltavam da escola já era certo, a gente assistia o anoitecer no terraço. Época de milho, era tanto milho assado proseando sobre o dia. Eu duvido o povo da cidade ter essa paz que a gente tinha aqui.

Um dos filhos de Sr. Marcones, João⁴⁸, relata que sempre gostou do campo e da vida que era proporcionado, mas que entendia a necessidade dos irmãos de buscar a cidade e a

⁴⁸ João Pedro Alves da Rocha, 35 anos, pai de 2 filhos. Morador da zona rural de Esperança, divide o campo com o pai, Sr. Marcondes

facilidade que a zona urbana acabava propondo. João relata:

Gostamos muito de viver aqui, mas tem época que se torna difícil, pois não queremos que nossos filhos vão embora, mas sabemos que eles devem crescer na vida, e assim como meus irmãos, sei que não é possível continuar pois cada ano a situação fica mais difícil, falta de emprego no município e o campo para os pequenos produtores não compensa.

Caldart (2008) apresenta que a sociedade brasileira foi levada a ver o ambiente rural como fonte de problemas associados à desenraizamento, isolamento e ignorância. Segundo a autora, essas noções fomentaram a desvalorização do homem do campo por muito tempo, alimentando o pressuposto de que o progresso está relacionado apenas ao centro urbano, seja referente a moradia ou a trabalho. , e Sendo assim, residir ou trabalhar no ambiente rural significaria atraso. Interligado com a falta de políticas públicas para o campo, todas essas noções contribuíram e ainda contribuem para que parte da população rural brasileira migrasse para a zona urbana nas últimas décadas.

Diante disso, pergunto a João quais são as dificuldades apresentadas no campo, no seu dia a dia:

Muitas vezes falta oportunidade de emprego, estrada não é boa e nunca é ajeitada, falta de veterinário, outras vezes os comerciantes não colaboram quando vendemos algum produto como verduras, pois ficam uns dias no mercado caso não for vendido quem perde é o produtor, a saúde e educação também não é valorizado. O próprio preconceito mesmo com os alunos da escola do sítio para os alunos da escola da cidade, investimentos em políticas públicas para o campo.

Na visão de Oliveira (2010), o Estado diminui os direitos dos alunos do campo em relação aos alunos da cidade por não disponibilizar infraestrutura e pessoal habilitado que possa satisfazer à demanda de alunos do campo. Desse modo, se torna mais difícil romper com a visão construída pela Educação Ruralista, que, segundo Caldart (2004) e Molina (2008), sempre tratou os trabalhadores do campo como inferiores, atrasados ou pessoas de segunda categoria. Dessa forma, em comparação com a fala de João, reforça a ideia de que é realmente preciso o jovem sair do campo para frequentar uma escola na cidade, e conseqüentemente, empregos e outro meio de vida.

Como podemos perceber, a vida do campo é significativamente diferente da vida em grandes cidades e metrópoles. Longe dos caos urbanos, o povo é mais humilde, as estradas são

mais simples e os dias são mais calmos. Com o objetivo de manter viva a memória de sua cidade natal e da vida rural, a professora Thais Mara, resolveu fazer o trabalho de conclusão de curso de Geografia sobre as feiras de rua e agricultura familiar vivida pela sua família na cidade de Esperança-PB.

Thais Mara nasceu e cresceu no município de Esperança. Filha de produtores rurais, sempre foi ligada ao campo e viveu grande parte da sua vida na zona rural. Com 20 anos, mudou-se para Campina Grande e ingressou no curso de Geografia.

Em seu trabalho de conclusão de curso, Thais Mara intitulou-o como “Feiras de rua: a voz do campo no coração da Cidade”. Com linguagem literária, apresenta relatos de jovens e idosos, registrando o crescimento da cidade e das mudanças no município, contribuindo para o desenvolvimento da cultura e o resgate das tradições locais.

Meu objetivo foi dar voz às pessoas que viveram na pele as mudanças na vida no campo, que enxergam que as tradições da vida rural podem cair no esquecimento à medida que novas gerações surgem e a ideia da cidade como o moderno seja ainda mais propagado. Deixar de lado esses relatos pode fazer com que parte das histórias contadas pelos agentes dessa transformação percam, de fato, a voz.

Portanto, podemos dizer que o campo exerce um papel preponderante sobre as cidades, afinal, foi o desenvolvimento da agricultura e da pecuária que permitiu a formação das primeiras civilizações e o seu posterior desenvolvimento. No entanto, com a globalização, o avanço de tecnologias oriundas da Revolução Industrial e as transformações técnicas por ela produzidas, o meio rural foi cada vez mais subordinado pelo meio urbano uma vez que as práticas agropecuárias e extrativistas passaram a depender cada vez mais dos conhecimentos tecnológicos fornecidos pelas cidades.

3.2- O Campo como Sonoridade e Imagem

A vida no campo sempre foi tema de filmes, livros, novelas e séries que mostram as dificuldades e as maravilhas da vida longe das cidades, despertando os sentidos e a criatividade. Nas artes, podemos destacar a produção de músicas sobre o sertanejo, os animais e as lembranças que marcaram a vida de quem já passou pelo campo.

No âmbito das obras literárias brasileiras podemos perceber a valorização do campo e do rural em obras de diversos autores. Euclides da Cunha, em 1902, escreve ‘Os sertões’,

descrevendo a realidade do nordeste do país. Já em 1922, na semana de Arte Moderna, destaca-se a figura de Macunaíma evidenciando a identidade brasileira. Mário de Andrade, Manuel Bandeira, o maestro Villa Lobos, dentre outros, renovam as artes e a forma de pensar o Brasil, valorizando o nativo e original, conforme Oswald de Andrade, com a sua poesia antropofágica e Mário de Andrade, com o seu Macunaíma, que fez o elogio a um herói “preguiçoso”, autenticamente brasileiro. Em 1932, o escritor José Lins do Rego retrata em ‘Menino de Engenho’ e o ciclo da cana de açúcar. Já em 1956 Guimarães Rosa publica ‘Grande sertão: veredas’, dando vida a desventuras amorosas de Diadorim e Riobaldo na travessia do sertão. Dentre todos esses, outros artistas e intelectuais destacaram a ruralidade brasileira em suas obras, na primeira metade do Século XX.

Além das obras literárias já citadas, podemos apresentar um recorte mais delimitado deste encontro do Brasil com a sua própria cultura, analisando a representação da ruralidade⁴⁹ no âmbito da música caipira e sertaneja, das artes, da televisão e de eventos culturais, como as vaquejadas.

Segundo Cunha (2005), “o estudo da música, parte sobre vozes, silêncios, barulhos, acordes, tocadas e fugas, em diferentes sociedades e tempos”. As canções evocam na memória lembranças para quem as ouvem. É desta forma que elas podem, também, ser o caminho para se chegar a um determinado período histórico.

A música percebida com fonte histórica é capaz de aproximar o agente da História, uma vez que ela está inserida em seu cotidiano. Assim, pretendemos através desta linguagem resgatar memórias que estão relacionadas a valores, momentos históricos, experiências de vida e lembranças. A possibilidade de trabalho com a música como fonte histórico só é possível entendendo a letra da música juntamente com a melodia. Para Napolitano (2002), “a junção entre letra e música, nos mostra o embate sociocultural da música como um todo, perceptível a partir daí as influências diversas que as formam”

Em 1977, no álbum “A força jovem da música sertaneja”, a dupla Chitãozinho e Xororó lança a música “O homem do campo”. A partir da letra, é notório compreender que a vida simples do homem do campo é o que traz a felicidade, confirmando o que Sr. Marcones tanto diz em seus relatos.

Tenho calo em minhas mãos
Sou um pobre lavrador

⁴⁹ O conceito de ruralidade, que deriva de rural, costuma ser usado em publicações técnicas e científicas com referência ao conjunto dos fenômenos sociais que se desenvolvem num meio rural e que permitem construir identidade. Dessa forma, entende-se que a ruralidade é uma forma de relação entre o ser humano e o espaço rural que implica a valorização do patrimônio e uma apropriação de carácter simbólico.

Vivo longe da cidade
Moro no interior

Você tem tanta riqueza
Mas, porém, não tem amor
O seu gesto de orgulho
Tira todo o seu valor

De que vale ter dinheiro
Se não tem felicidade?
Ela vive escondida
Dentro da simplicidade

De que vale ter dinheiro
Se não tem felicidade?
Ela vive escondida
Dentro da simplicidade

Sou retrato da poeira
Sou cascalho sobre o chão
Meu sistema é natural
Eu sou filho do sertão

Você busca tanta coisa
Sem sentido, sem sabor
Em seu mundo animal
Que você mesmo criou

De que vale ter dinheiro
Se não tem felicidade?
Ela vive escondida
Dentro da simplicidade

(Chitãozinho e Xororó)⁵⁰

Não tem como falar das músicas que retratam o campo sem citar Jair Rodrigues e a música “A Majestade e o Sabiá”, lançado em 1997:

Tô indo agora prum lugar todinho meu
(Quero uma rede preguiçosa pra deitar)
Em minha volta, sinfonia de pardais
Cantando para a majestade, o sabiá

Já “Luar do Sertão” de Luiz Gonzaga, lançado em 1996, faz uma descrição pura e sensível sobre o campo:

Oh que saudade do luar da minha terra

⁵⁰ Chitãozinho e Xororó; interprete: Chitãozinho e Xororó; O Homem do Campo; in: A força Jovem da música sertaneja, 1977. 1CD. II Vol.

Lá na serra branquejando, folhas secas pelo chão
 Este luar cá da cidade tão escuro
 Não tem aquela saudade, do luar lá do sertão!
 Se a lua nasce por detras da verde mata
 Mais parece um sol de prata, prateando a solidão
 E a gente pega na viola e ponteia
 E a canção e a lua cheia, a nascer no coração

A canção de Sérgio Reis, “O menino da Porteira”, lançado em 1996, serviu de inspiração para uma produção cinematográfica que conta a história de vida de um menino que sonha em se tornar um grande boiadeiro:

Toda vez que eu viajava pela Estrada de Ouro Fino
 De longe eu avistava a figura de um menino
 Que corria abrir a porteira e depois vinha me pedindo
 Toque o berrante seu moço que é pra eu ficar ouvindo
 Quando a boiada passava e a poeira ia baixando
 eu jogava uma moeda e ele saía pulando
 Obrigado boiadeiro, que Deus vá lhe acompanhando
 pra aquele sertão à fora meu berrante ia tocando
 Nos caminhos desta vida muitos espinhos eu encontrei
 mas nenhum calou mais fundo do que isso que eu passei
 Na minha viagem de volta qualquer coisa eu cismeiei
 Vendo a porteira fechada o menino não avistei
 Apeei do meu cavalo e no ranchinho a beira chão
 Ví uma mulher chorando, quis saber qual a razão
 - Boiadeiro veio tarde, vejá jáa cruz no estradão
 Quem matou o meu menino foi um boi sem coração
 Lá pras bandas de Ouro Fino levando gado selvagem
 quando passo na porteira até vejo a sua imagem
 O seu rangido tão triste mais parece uma mensagem
 Daquele rosto trigueiro desejando-me boa viagem
 A cruzinha no estradão do pensamento não sai
 Eu já fiz um juramento que não esqueço jamais
 Nem que o meu gado estoure, e eu precise ir atrás
 Neste pedaço de chão berrante eu não toco mais

(Sergio Reis)⁵¹

Em 1977 os cantores Milionário e José Rico, lançaram uma bela canção que fala sobre os desafios da vida de quem vive no campo, intitulado “Estrada da Vida”

Nesta longa estrada da vida
 Vou correndo e não posso parar
 Na esperança de ser campeão

⁵¹ REIS, Sergio. Interprete: Sergio Reis; O menino da Porteira; in.: Vida Viroleira, 1996. Faixa 1

Alcançando o primeiro lugar
 Na esperança de ser campeão
 Alcançando o primeiro lugar
 Mas o tempo cercou minha estrada
 E o cansaço me dominou
 Minhas vistas se escureceram
 E o final da corrida chegou

Este é o exemplo da vida
 Para quem não quer compreender
 Nós devemos ser o que somos
 Ter aquilo que bem merecer
 Nós devemos ser o que somos
 Ter aquilo que bem merecer

Mas o tempo cercou minha estrada
 E o cansaço me dominou
 Minhas vistas se escureceram
 E o final desta vida chegou

(Milionário e José Rico)⁵²

O conceito “representação” é discutido, nesta dissertação, em torno da linha de pensamento do historiador Roger Chartier (2002) e do sociólogo Pierre Bourdieu (2006), os quais possuem concepções semelhantes, como também, a partir de algumas das ideias de Emile Durkheim, com finalidade de demonstrar que o conceito representação é trabalhado há bastante tempo e ganha cada vez mais ideologias, contribuindo assim para que diversos estudiosos compreendam a complexidade do mundo social e das práticas culturais.

Chartier (2002) em “A Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes” destaca que o conceito de representação tem duas definições contrárias: p de um lado, representação distingue o que representa e o que é representado; por outro lado, define como a apresentação de uma coisa ou pessoa, ou seja, de uma presença. Ele diz:

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante ‘pela pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por marcas’ – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também ‘manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade’ (CHARTIER, 2002)

Bourdieu (2006), na obra “O Poder Simbólico”, identifica o “poder das representações” na construção da realidade social, no qual é possível dizer que representações são construções sociais da realidade. Em outras palavras, o sujeito cria representações de si

⁵² Milionário e Zé Rico; interprete: Milionário e Zé Rico; Estrada da vida; in: Estrada da vida, 1977. 1CD.

mesmo, fundamentando suas concepções de mundo a partir de seus interesses e/ou de seu grupo.

A partir desse pressuposto temos a representação do Nordeste e da figura do “caipira”⁵³: ambos pelo viés negativo nos meios de comunicação, seja televisivo, impresso, web ou cinema. O cinema, como fruto do tempo e espaço no qual é produzido, tanto pode narrar e revelar práticas culturais, quanto relatar fatos históricos, assim como contribuir na construção e consolidação imagética-discursiva acerca de um determinado tema. Como mostra Albuquerque (1999), a ideia de Nordeste atrasado é uma construção elaborada historicamente, através de práticas regulares, por meio da repetição de certas ideologias que são postos como definidores das especificidades da região e, por conseguinte, de seu povo.

Paiva (2006) classifica como os signos de nordestinidade a seca, a pobreza, o coronelismo, a virtude, a virilidade:

A nordestinidade pode ser entendida como a resultante de diversas identidades sociais nordestinas, ou seja, considerando a diversidade espacial e territorial do Nordeste brasileiro é uma imprudência selecionar e esquematizar uma única interpretação sobre a identidade regional do Nordeste. A identidade regional nordestina veiculada apenas a imagem do sertanejo nordestino se constitui como um reducionismo, um estereótipo inserido na cultura nacional, historicamente construído e mantido, principalmente através da literatura e do cinema (PAIVA, 2006)

Dessa forma, através da relação entre a literatura e o cinema brasileiro, nota-se que os filmes que abordam o Nordeste enquanto temática central buscam inspiração principalmente em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1902), como compreensão e relação da identidade nordestina. Na obra, tanto literária quanto imagética, destaca a figura de um vaqueiro como um legítimo representante sertanejo e sua árdua vida de desbravar os sertões, estando ele ligado profundamente as tradições arcaicas, religiosas e folclóricas.

Nos filmes brasileiros, como mostra Albuquerque (1999) a representação do sertanejo está vinculada ao homem de inquestionável coragem, força, valentia e de indiscutível masculinidade. Um perfil que está em construção há séculos e difundido nos mais diversos meios de comunicação.

As diversas formas de linguagem [...] como a literatura, o cinema, a música, a pintura, o teatro, a produção acadêmica, o são como ações, práticas inseparáveis de uma instituição, estas linguagens não apenas representam o

⁵³ Em algumas ocasiões é comum verificar um sentido pejorativo pra palavra caipira, porém também é comum ver a palavra relacionada a "cultura caipira", que normalmente se refere a vida no campo, a simplicidade das pessoas que vivem no interior e coisas assim.

real, mas instituem reais.

O sertão nordestino serviu de locação para diversos filmes, nem todos realizados no local. Andrade (2008) explica essa fascinação ao afirmar que “O Sertão é o espaço geográfico e imagético mais representativo do Nordeste”. Os períodos de seca prolongada, a bravura do povo que sofre com estes períodos e a corrupção das elites são conhecidos desde o século XIX, transformando em personagens marcantes desde o pioneiro *O Cangaceiro* (1953), produzido pela companhia cinematográfica Vera Cruz em 1953, até os filmes políticos do Cinema Novo, como *Vidas secas* (1938), *Deus e o Diabo na terra do Sol* (1964), e *Os fuzis* (1964).

Como apresenta Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2001), a região Nordeste não se constitui apenas como unidade política, econômica e geográfica, se constitui, também, por “vários discursos e práticas que deram origem ao recorte espacial Nordeste. [...] nasce onde se encontram poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder”

O mundo caipira foi retratado no cinema brasileiro principalmente pelo ator e produtor Amácio Mazzaropi (1912-1981) durante as décadas do século XX. Através de seu personagem Jeca Tatu, inspirado na obra literária de Monteiro Lobato a qual retratar pejorativamente o caipira paulista, Mazzaropi levou ao cinema o modo de vida dessa figura social alcançando enorme sucesso com seus 36 filmes.

Os filmes de Mazzaropi estão fortemente marcados pelo contexto da urbanização do Brasil na segunda metade do século XX, no qual as cidades predominavam na sociedade como espaço econômico, político e social. O conjunto de filmes produzidos por Amácio Mazzaropi favoreceu a formação de uma memória social sobre o caipira e a reprodução e representação da sua cultura. Os traços culturais destacados nos filmes são caricatos e exaltam o conflito cultural entre o homem do campo e o homem da cidade. A cidade é caracterizada como grande ameaça para os caipiras, pois o homem da cidade não tem restrições em tirar vantagem em relação à suposta incompetência do homem do campo para entender a dinâmica mais agitada da vida urbana. Nos seus enredos, Mazzaropi é apresentado como o caipira simples, bondoso e ingênuo, porém esperto e astuto, que sabe conquistar vantagens para si em situações vivenciadas.

A representação do caipira implicou em uma transposição entre a sua qualificação positiva e a sua transformação em piada, o que ganha destaque nas películas de Mazzaropi e em muitos outros filmes que se passaram e/ou se passam no Nordeste. Essa oposição presente nos registros artísticos ou ficcionais, e até mesmo intelectuais, sobre a cultura caipira persistiu na avaliação crítica dos trabalhos já vistos.

3.3- Prestígio e confiança: a relação do vaqueiro com seus animais

O estudo das relações entre os homens e os animais tem encontrado, ultimamente, eco, nas lides de trabalho do campo teórico e temático que chamamos de História Ambiental. Reflexões como a de Alfred Crosby (2004) sobre a domesticação de animais no continente americano inspiram-me a pensar sobre a introdução de cavalos e bovinos no Nordeste do Brasil, desde o século XVI. A relação íntima que estes animais desenvolveram com a população híbrida de índios de diversas etnias, cristãos novos, reinóis portugueses de vária extração, negros escravos e libertos, embora mediada pela assimilação católica, amalgamava diferentes concepções que as tradições cosmológicas e ontológicas destes povos tinham para com o papel dos animais no Universo. A sociedade de hoje é o resultado, embora não exclusivo, deste caldo cultural somado e dele herdou suas formas de conduzir a relação com os animais.

No sertão semiárido, os bois e a pecuária extensiva forneceram a base não só da alimentação, mas, da indumentária e dos hábitos de trabalho e lazer dos vaqueiros. Ao lado deles, os muares e cavalos foram a base do deslocamento, da guerra, do transporte dos tropeiros, situando-se no limite, tênue é verdade, entre os animais utilitários e as afetividades pela estimação. Desde muito tempo, estes animais se misturavam às festas e ao que hoje chamamos de lazer no seco e trabalhoso ambiente dos biomas semiáridos.

Como já podemos entender, o vaqueiro tem por função cuidar de rebanhos de gados, isso inclui soltar, pegar e manejar os animais caracterizando a atividade de aboio. Para que essa atividade aconteça, o vaqueiro precisa contar com a ajuda de outro animal: o cavalo. Dessa forma, construiu-se uma relação de companheirismo e amizade entre o vaqueiro e o cavalo, ao mesmo tempo que uma relação de dominação era construída entre o vaqueiro e o boi.

Noberto Nascimento⁵⁴, membro do Clube do Vaqueiro e morador da Cidade de Esperança compartilhou dessa relação amigável com EternalyWood, seu cavalo de raça quarto de milha⁵⁵. O vaqueiro conta que tem uma relação como pai e filho com seu fiel companheiro e que sempre antes de entrar na arena tem sempre um momento de afeto com o animal. Segundo ele, a relação é tão real e natural que EternalyWood sente quando Noberto não vai com frequência no haras visitá-lo.

⁵⁴ Noberto Almeida, empresário e dono do Haras Almeida Park. 53 anos, morador da cidade de Esperança e tem da vaquejada seu amor pessoal e esporte favorito. Junto com ele, leva filhos e netos no mesmo sentimento.

⁵⁵ Quarto de milha é uma raça originário dos Estados Unidos, fruto do cruzamento entre garanhões e éguas da Inglaterra, gerando assim cavalos compactos, com músculos fortes, versátil e rápidos em corridas. Por isso, muito utilizado nas atividades de pegadas de bois e nas ações de vaquejadas.

Em entrevista, Noberto apresentou o EtenalyWood e mostrou quais as palavras de apoio e incentivo que sempre diz “no ouvido” do cavalo:

Eu sempre digo para ele ajudar “painho” derrubar os bois todos na faixa e ser rápido. Não deixar os bois passarem dele, pois ele é meu campeão e meu parceiro e juntos a gente leva o prêmio para casa.

Figura 9: O Cavalo EtenalyWood e Noberto



Fonte: Lucas Almeida, 2019

Noberto contou que seu amor por EtenalyWood foi “amor à primeira vista”. Em um dia de treino e lazer em sua fazenda, junto com outros vaqueiros em momento de descontração, apostaram uma pega de boi na qual a premiação seria o filhote da égua Luna, que tinha nascido com um problema na perna. Noberto afirma que viu em EtenalyWood um grande potencial em transformar o filhote manco em um grande corredor, e com orgulho, abraçando o seu companheiro ele diz: “Ele me achou e eu achei ele naquele momento. Minha duplinha”

Figura 10: O Cavalo EtenalyWood



Fonte: Lucas Almeida, 2019

Além de EtenalyWood, Noberto relembra da vaca Mimosa que tinha quando mais jovem. Relata que comprou a vaca na feira do gado que acontece toda segunda-feira na cidade de Campina Grande-PB para o comércio de carne bovina. No entanto, sua filha Luana, hoje com 23 anos, criou afeto com a vaca e não deixou que a mesma fosse vendida para consumo. Um tempo depois, por engano, a vaca foi colocado junto com os outros animais que segueriam para o matadouro da cidade e assim comercializada. Noberto conta que quando informou do ocorrido a sua filha, o contato afetivo com Mimosa era tão nitenso, que Luana adoeceu de tão abalada.

Embora tenha sido mencionado por Noberto essa relação de afeto entre donos com os seus bois, geralmente quando é relatado sobre vaqueiros e vaquejadas, a relação de força e domínio para com o boi é ainda mais presente. O companheirismo, a amizade e o afeto está mais comum quando se mostra a relação do homem/vaqueiro com o seu cavalo. Por se tratar de uma prática marcada pela derrubada do boi, nesse caso, é mais interessante para o homem/vaqueiro se colocar como superior nessa relação com o animal (boi).

No decorrer das leituras propostas, percebem-se as diferentes formas de relação entre o homem e o animal. Como mostra Keith Thomas (2010), ao estudar novas sensibilidades que emergiram na Inglaterra do início do período moderno em relação aos animais, às plantas e à paisagem, sobretudo a partir do século XVIII, observou que se estabeleceram estreitas relações entre os homens e os animais domésticos. Naquele momento eram relações muito maiores do que pretendiam o cristianismo, que pregavam a separação entre homem e natureza. Thomas

(2010) mostra que na Inglaterra, século XIX, era defendido a ideia de que os animais existiam para trabalhar e servir de alimento para a espécie humana. Porém, as experiências dos humanos com os bichos não se restringiam somente a isto. Eles fizeram parte do cotidiano e da trajetória humana no planeta assumindo múltiplos significados, atitudes e percepções que lhes foram atribuídos pela sociedade ao longo do tempo.

Discutindo a necessidade de se reorientar as relações entre os homens e os outros animais, o filósofo e ativista australiano Peter Singer (2009) passou a escrever sobre a necessidade de minimizar o sofrimento dos animais, garantindo-lhes direitos de existência independente e libertando-lhes de uma escravização domesticadora. Uma extensão da trajetória histórica de submissão dos animais é que o que Singer (2009) chama de “especismo”, preconceito arraigado contra aqueles que não são membros da nossa espécie.

Seguindo a percepção sugerida pelo autor, os olhares que se lançam para analisar as relações entre os homens e os animais devem se afastar de certa ética de superioridade e dominação humana, inspirada num sentido religioso de que os animais existiram para o usufruto dos homens, seja para ajudá-los em sua labuta ou para refestelá-los em sua alimentação. Este tipo de visão moral parece vir da filosofia utilitária desenvolvida por filósofos ingleses como Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806- 1873), ambos no século XIX: causar o mínimo de dor aos homens e aos animais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando não existia o costume de colocar cercas nas fazendas no sertão nordestino, os bois eram marcados e soltos na mata e os peões, contratados pelos coronéis, tinha como função entrar na mata em busca dos animais. De início, a prática da vaquejada marcava o encerramento festivo de uma etapa de trabalho, onde os peões reuniam o gado e marcavam cada um deles. Era a tradicional festa da separação do gado. No entanto, essa tradição foi ganhando maior importância e o que antes se acontecia no terreiro das fazendas, agora acontece em grandes eventos, sendo uma atividade bastante lucrativa e conseguindo cada vez mais apoios de empresários e até políticos locais. Assim, a Vaquejada deixou de ser uma simples diversão entre os vaqueiros e passou a ser uma das atividades mais atrativas no sertão nordestino. Uma tradição cultural passada de pai para filho. Dessa forma, o trabalho pretende, através de uma arqueologia de autores que tratam do tema, analisar a cultura da vaquejada na Paraíba, agreste paraibano, desvendando esta prática cultural para a cidade através de pesquisa de campo e entrevistas, apoiadas pela História Oral.

Com base em pesquisas documentais e bibliográficas, e dos registros orais, percebemos um conhecimento mais fundamentado nesse cunho histórico em que se debruça sobre a questão ambiental. A cada dia, pesquisas históricas focalizam relações entre as sociedades e o ambiente. E são diversos exemplos: Relações dos homens com animais domésticos e selvagens; história de florestas, rios, paisagens e interferências no meio ambiente; as relações entre as cidades e a natureza; os resultados da ação de diferentes sociedades na transformação, sobrevivência ou destruição dos seres vivos.

É nítido, baseado em fontes bibliográficas, que a relação entre Homem/natureza vem gradativamente ganhando força no campo da história, e que, no caso da vaquejada, essa relação entre o homem e o animal está bem mais interligada, uma vez que, parte-se também de uma ideia econômica e social. Já a partir do campo oral, notamos através das entrevistas, que a prática da vaquejada mescla entre uma relação de esporte e amor, levantando a ideia de cultura muitas vezes enraizada no berço familiar. Na maioria dos relatos podemos notar uma forte influência familiar entre os vaqueiros, onde eles defendem a vaquejada como uma tradição familiar levada de pai para filho durante muitas gerações.

Em se tratar da vaquejada entende-se essa prática como uma perseguição e emparelhamento de um boi por vaqueiros montados a cavalo, com o objetivo de derrubá-lo, puxando-o pela cauda. A pontuação de cada dupla é confirmada quando se verifica que o boi caiu em uma área previamente demarcada com linhas de cal, bem como se, no momento da

queda, permaneceu por alguns instantes com as quatro patas para o alto. Através dessa simples descrição, segundo o RJLB, Ano 1 (2015), nº 1 | 769, diante da evidente possibilidade de fraturas, hematomas e escoriações que o animal pode vir a sofrer, é caracterizado como crueldade.

Outro ato característico de crueldade para com o animal é o fato da derrubada do boi ser pela cauda, onde existem relatos de fraturas extensas durante a derrubada em que o animal perde por completo a sua cauda. Como explica a estudante de medicina veterinária Letícia Bezerra onde mostra que o rabo do animal é composta em sua estrutura óssea, de uma sequência de vértebras, que se articulam umas com as outras, não sendo rara, no gesto brusco de tracionar violentamente o rabo, a luxação das vértebras, ou seja, a perda da condição anatômica de contato de uma com a outra, assim, existe a ruptura de ligamentos de vasos sanguíneos, estabelecendo-se, portanto, lesões traumáticas. Informando que assim, não é raro o desligamento da cauda com o tronco do animal e que por muitas vezes acaba prejudicando o funcionamento da coluna vertebral.

Diante de vários movimentos de Ongs em defesa dos maus-tratos ao animal na prática da vaquejada, foram criadas regras e novos regulamentos segundo a ABVAQ para a derrubada do boi. Como é explicado pelos vaqueiros entrevistados durante a pesquisa. Perguntado ao entrevistado Ericles José Almeida da Silva, vaqueiro desde criança, sobre como funcionava a regra da ABVAQ ou o questionamento sobre os maus-tratos sofrido pelo animal, ele responde:

foi criada uma regra chamada ABVAQ que ela determina contra os maus-tratos dos animais, no caso já está sendo usado rabo artificial pra evitar a queda da cauda do boi. E esporas não podem ser cortantes, não pode usar chicotes, não pode bater no animal a não ser quando ele tiver em trabalho e isso é durante a carreira, depois da carreira e do boi julgado ou “valeu” ou “zero” você não pode mais chicotear o animal nem aceitar

Faz-se necessário entender também o comportamento do bovino preso na esteira momentos antes da abertura da porteira para o pátio de vaquejada. O fato do animal estar confinado já o condiciona ao sofrimento, porém, para torná-lo mais rápido no momento da fuga há relatos de choques elétricos aplicados aos animais, com o escopo de excitá-los e, com isso, provocar a sua fuga, possibilitando o emparelhamento e derrubada pelos vaqueiros. Questionados sobre tais costumes e sobre as conhecidas vitaminas aplicadas aos animais para dar força e agilidade, Lucas Santos de Almeida, que é vaqueiro há treze anos, responde:

O que existe são suplementos que no caso, alguma vitamina que você dá ao cavalo que é pra ele repor as energias. Porque tem cavalos que em uma

vaquejada eles já sai direto pra outra, então não vai nem no - não vai no haras, não vai em nada. Já entra no caminhão e vai direto pra outra vaquejada, ai tem que ta a base de vitaminas.

O que se percebe a forte influência do homem sobre o animal, que embora o cavalo seja tido pelo vaqueiro como um membro ou um amigo, em se tratar da disputa na vaquejada não passa de um automóvel para o seu dono e que precisa está “equipado” e preparado para correr, não importando, de certa forma, com o seu bem estar. Trata-se de uma relação entre homem e animal baseada em uma certa ética de superioridade e dominação do primeiro sobre o segundo, em conformidade com a concepção, já referida, inspirada no sentido religioso de que os animais existiriam tão somente para usufruto do homem. Os animais aqui descritos, assim, dissociados da sua função na natureza, são submetidos aos atos cruéis, tudo com o escopo máximo de divertir as pessoas e gerar lucro.

Mais do que esporte, como já foi dito, a profissão de vaqueiro envolve muito mais que o prazer de montar nas arenas, envolve um sentimento de amor e orgulho em ser um vaqueiro. Considerado umas das mais antigas profissões do país, sua etnia é fruto dos primeiros colonizadores brancos do Brasil com os índios, no período da inserção de gado nos sertões do País. O ofício consiste em cuidar do gado e outras criações de alguma fazenda, haras ou sítio, buscando alimento e água entre pastos e caatinga. Para facilitar a locomoção, o vaqueiro sempre utiliza cavalos, visto que, muitas vezes, existe uma grande quantidade de gado para vigiar. Marcar o gado com ferro também faz parte da profissão; dessa forma é possível o reconhecimento do animal caso haja fuga. Uma das principais características do homem do gado é o aboio, uma espécie de cantiga que conduz os animais, e serve de guia quando algum companheiro de trabalho se perde na mata. Nos dias atuais, a profissão de vaqueiro é muito mais do que isso, existe uma indústria comercial em volta dessa figura tão marcante nessa atividade dita como cultural.

O vaqueiro nordestino foi a grande inspiração para o saudoso Luiz Gonzaga onde o sanfoneiro exaltava a vida árdua do homem sertanejo em diversas canções, adotando em suas apresentações os trajes típicos, como gibão e chapéu de couro. Ainda hoje, bandas de forró do Nordeste como Ton Oliveira, Sirano e Sirino, Brasas do Forró, Mastruz com Leite e 100 parecem continuar tendo o vaqueiro como figura central de suas músicas. Trazendo para o lado do grande espetáculo que a vaquejada se tornou, encontramos a indústria do sertanejo e do forró elétrico que vem conquistando ainda mais espaço nessa nova indústria cultural. Além da

música, o vaqueiro inspira também a poesia, como na literatura de cordel do poeta popular Patativa do Assaré. Existe um considerável mercado por traz dos grandes espetáculos de vaquejadas, como o mercado das atrações musicais, patrocínios de grandes empresas e até mesmo o envolvimento políticos. São milhares de prêmios disponíveis para a competição e uma grande fortuna por traz de cada inscrição. Grandes fazendeiros e nomeados vaqueiros investem bastante nessa atividade tendo um retorno ainda maior.

De forma legalizada, a profissão de vaqueiro foi reconhecida no dia 24 de setembro de 2013 no Congresso Nacional, por meio de um projeto de lei elaborado pelo ex-deputado Edigar Mão Branca e Edson Duarte. Na ocasião, vaqueiros de todo o País foram ao Congresso para acompanhar a votação. A lei Nº 12.870, de 15 de outubro de 2013, reconhece a atividade de vaqueiro como profissão sobre as seguintes atribuições: “realizar tratos culturais em forrageiras, pastos e outras plantações para ração animal; alimentar os animais sob seus cuidados; realizar ordenha; cuidar da saúde dos animais sob sua responsabilidade; auxiliar nos cuidados necessários.

Vale destacar também a representação do Nordeste e, especificamene, do homem ruralizado ou populamente conhecido como “caipira”, sempre sendo vulgarmente colocado como “inferiores”, apresentando uma visão negativa nos meios de comunicação, seja no televisivo, impresso, na web ou no cinema. Nas representações das músicas, filmes e mídias, a figura do vaqueiro ou do homem do campo sempre acaba sendo associada com atraso, ignorância e rústico. E o que podemos ver, baseado nas fontes orais, relatos de memórias e fontes bibliográficas é que a relação do homem do campo e do homem da cidade, se configuram em duas posições, onde uma complementa e não inferioriza a outra.

Como mostra Albuquerque, 1999, A ideia de Nordeste atrasado é uma construção elaborada historicamente, através de práticas regulares, por meio da repetição de certas ideologias, que são postos como definidores das especificidades da região e, por conseguinte de seu povo.

Dessa forma, é possível concluir que a pesquisa caminhou para bons resultados, abrangendo o estudo não somente para a história, mas, fazendo um intercâmbio entre áreas que estão ligadas entre si por essa temática. Mostrando assim, as causas desse processo, como também, seus efeitos sejam eles culturais ou econômicos para a população paraibana

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABVAQ – **Associação Brasileira de Vaquejadas**; REGULAMENTO.

AIRES, Francisco J. F. **O espetáculo do cabro-macho: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte**. Dissertação de Mestrado, Programa de PósGraduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. P. 130

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz, de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Massangana, 2001. P. 159

_____. **Nordestino: uma invenção do falo**. 2003

ANDRADE, Manoel Correia de. **A Terra e o Homem do Nordeste**. 5ªed. São Paulo: Ed. Atlas, 1986 [1963].

ANDRADE, Solange Ramos. **O culto dos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo**. 2010.

ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina: Cantos de Patativa**. São Paulo, 2003.

BARBOSA, Eriosvaldo Lima. **Valeu Boi: O negócio da Vaquejada**. Ed. Gráfica da UFPI. Teresina, 2006.

BANDA LIMÃO COM MEL; Mulher Vaqueira; in: Forro Meirão, 2008. 1CD; Faixa 2

BEAUVOIR, Simone: **O segundo Sexo**. São Paulo, 1949.

BRAUDEL, Fernando. **Civilização Material, Economia e Capitalismo**. 3 vol. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BURKE, Peter. “História Cultural: passado, presente e futuro” In O Mundo como Teatro, São Paulo: DIFEL, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. **A vaquejada nordestina e sua origem**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – MEC, 1969

_____. **Vaqueiros e Cantadores**. São Paulo: Edusp, 2005

_____. **Tradições populares da pecuária nordestina**. In: Brasil Cultura. Disponível em: <http://www.brasilcultura.com.br/cultura/o-traje-do-vaqueiro/>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

CALDART, R.S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In M. Arroyo; R. S. Caldart & M. Molina (org.). Por Uma Educação do Campo: Vozes, 2004.

CALDART, R. S., PALUDO, C. e DOLL, J. Como se formam os sujeitos do campo? Idosos, Adultos, Jovens, Crianças e Educadores (org.) Brasília: Pronera/NEAD, 2006.

CALDART, R. S. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. Trab. Educ. Saúde, v. 7 (n. 1). Rio de Janeiro, pp. 35-64, mar./jun.2009.

CASSIA, Rita de; interprete: Mastruz com Leite; **A Saga de um Vaqueiro**. In: Só pra xamegar, 2004. 1CD. Faixa 1.

CHARTIER, Roger e CERTEAU, Michel de. Lectures et lecteurs dans l’ancien regime. Paris : Minuit,1987.

CHARTIER, Roger. A História Cultural – entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990.

CUNHA, Euclides da: **Os sertões, Campanha de canudos**. Editora Brasiliense S. A., 1902

CUNHA, L.A.; FERNANDES, V. Um acordo insólito: ensino religioso sem ônus para os poderes públicos na primeira LDB. Educação & Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 849-864, out./dez. 2005.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

CROSBY, Alfred. W. **Imperialismo Ecológico: a Expansão Biológica da Europa (900-1900)**. Trad. José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo, Companhia das

Letras, 2004.

CASSIA, Rita de; interprete: Mastruz com Leite; A Saga de um Vaqueiro. In: Só pra xamegar, 2004. 1CD. Faixa 1.

CURT F. BUHLER, *The fifteenth-century book* (Filadélfia, 1960), PP. 41-2. Apud. THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500- 1800)*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

Chitãozinho e Xororó; interprete: Chitãozinho e Xororó; O Homem do Campo; in: A força Jovem da música sertaneja, 1977. 1CD. II Vol

DOM E RAVEL; interprete: Dom e Ravel; Obrigado homem do campo. In: Brasil, Cidade e Campo, 1982. Faixa 2.

FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Clínica. Rio de Janeiro, ForenseUniversitária, 1980.

FOUCAULT, Michel. Surveiller et Punir – Naissance de la Prision, Paris, Gallimard, 1975 [Vigiar e Punir, história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977]

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1972. LACAPRA, Dominick. Rethinking History: Texts, Contexts Language, Nova York: Ithaca, 1983.

GONZAGA, Luiz. Interprete: Luiz Gonzaga; **Ô vieo Macho**. In:Ô veio Macho, 1962. 1CD. Faixa 1.

GONZAGA, Luiz. Interprete: Luiz Gonzaga; Ô vieo Macho. In:Ô veio Macho, 1962. 1CD. Faixa 1.

IBGE. Coleção Digital. Publicações. Mapas de Biomas do Brasil, 2004. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomas.shtm>. Acesso em 10/10/2010.

JORGE, Fred. **Aparições e milagres: Nossa Senhora Aparecida**. São Paulo, 1954

Jornal da Paraíba – Campina Grande 13/10/2011 – nº 1

PONTING, Clive. *Uma história verde do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LIMA, Jeanne; interprete: Limão com mel; **Mulher Vaqueira**. In: incondicionalmente, 2010. 1CD. Faixa 11

LOPES, José Walter Tenório. Interprete: Mano walter; **Vaqueiro Atualizado**. In: CD promossional de verão, 2017. 1CD. Faixa 3

_____. Interprete: Mano walter; **Boi Cigano**. In: CD promossional, 2016. 1CD. Faixa 8

LOPES, José Walter Tenório. Interprete: Mano Walter; **Vaqueiro Atualizado**. In: CD promocional de verão, 2017. 1CD. Faixa 3

LOPES, José Walter Tenório. Interprete: Mano walter; **Boi Cigano**. In: CD promossional, 2016. 1CD. Faixa 8

LOPES, José Walter Tenório. Interprete: Mano Walter; **Festa de Vaquejada**. In: CD promocional de verão, 2017. 1CD. Faixa 3

LOPES, José Walter Tenório. Interprete: Mano Walter; **Farra do caminhão**. In: CD promocional de verão, 2015. 1CD. Faixa 2

LOVELOCK, J. E. Gaia – Um modelo para a dinâmica planetária e celular. In: THOMPSON, W. I. Gaia: uma teoria do conhecimento. São Paulo: Gaia, 1987. p. 77-90.

LOVELOCK, J. E. As eras de gaia. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LOVELOCK, J.E. Hands up for the Gaia Hypothesis. Nature, v. 344, p.100-102, 1990.

LOVELOCK, J. E. A vingança de gaia. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

MACHADO. M. C. T. **Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações**. In: História e cultura: espaços plurais. PATRIOTA, R.; RAMOS. A. F. (Orgs.) Uberlândia: Aspectos/NEHAC.2002.p.335-345.

MEDRADO, Joana. **Terra, laço e moirão”: relações de trabalho e cultura política na pecuária (Geremoabo, 1880-1900)**. Dissertação de mestrado. Pós-Graduação em História. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2008

MENEZES, Sônia S. M.; ALMEIDA, Maria Geralda de. **“Vaquejada: a pega de boi na caatinga resiste no sertão sergipano”**. In: Vivência, n. 34, pp. 181-193, 2008.

Milionário e Zé Rico; interprete: Milionário e Zé Rico; Estrada da vida; in: Estrada da vida, 1977. 1CD

MOLINA, M. C. ; JESUS, S. M. S. A. de. **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo.** (Org). (Coleção Por Uma Educação do Campo).Brasília, DF. Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2004.

MOLINA, M. C. **Possibilidades e limites de transformações das escolas do campo: reflexões suscitadas pela Licenciatura em Educação do Campo – UFMG.** (Coleção Caminhos da Educação do Campo; 1) In M. I. Antunes-Rocha & A. A. Martins (organizadoras). Educação do Campo: desafios para a formação de professores. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

_____. **Educação no campo e o retrato do ensino rural no Brasil.** Entrevista à F. Machado do Grupo Promoção da Educação, em 6 de maio de 2011, disponível no site <http://www.coepbrasil.org.br>, 2011

MORIN, Edgar. **Para além da globalização e do desenvolvimento: sociedade mundo ou império mundo?** In, CARVALHO, Edgard de Assis; MENDONÇA, Terezinha. (Orgs.). Ensaio de complexidade 2. Porto Alegre, Sulina, 2003.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. Terra-Pátria. Porto Alegre, Sulina, 1995.

MORRIS, Desmond. **O Contrato Animal.** Trad. Lucia Simonini. Editora Record, Rio de Janeiro, 1990.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 1999.

NAPOLITANO, Marcos. História e música: História cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A Construção Social da Masculinidade.** Rio de Janeiro 2004 p. 20

OLIVEIRA, Ton; interprete: Ton Oliveira; Falta um boi vaqueiro no meio dessa boiada. In:

Uma explosão de forró, 2001. 1CD. Faixa 5

OLIVEIRA, Ton; interprete: Ton Oliveira; **Falta um boi vaqueiro no meio dessa boiada**. In: Uma explosão de forró, 2001. 1CD. Faixa 5.

OLIVEIRA, Ton; interprete: Ton Oliveira; **Cheiro de gado**. In: Uma explosão de forró, 2001. 1CD. Faixa

OLIVEIRA, Ton; interprete: Ton Oliveira; Cheiro de gado. In: Uma explosão de forró, 2001. 1CD. Faixa

OLIVEN, R.G. Violência e cultura no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1989.

_____. A parte e o todo. A diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis, Vozes, 1992

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

PELIZZOLI, Marcelo L. e Sayão, S. (Org.) Diálogo, mediação e práticas restaurativas - cultura de Paz. Recife: Ed. da UFPE, 2004.

PONTING, Clive. Uma história verde do mundo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.

REIS, Sergio. Interprete: Sergio Reis; O menino da Porteira; in.: Vida Violeira, 1996. Faixa 1

RODRIGUES, Jair; interprete: Jair Rodrigues; **Vaqueiro de profissão**. 1996. 1CD. Faixa 8

SINGER, Peter. **Libertação animal**. Porto Alegre, Lugano, 2004

Thompson, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, Vol. I.

_____. A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Vol. II.

_____. A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. Vol. III.

THOMAS, Keith . **O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de atitudes em relação às plantas e animais (1500-1800)**. Companhia de Bolso. São Paulo, 2009.

TROTTA, Felipe. **Som de Cabro-macho: sonoridade, nordestinidade e masculinidade no forró**. São Paulo, 2012.

VIEIRA, Natã Silva. **Cultura de vaqueiro: o sertão e a música dos vaqueiros nordestinos**. Trabalho apresentado no III ENECULT. Salvador, 2007.